

Enem levará 158 mil alunos às salas de aula na Paraíba

Em ano atípico por conta da pandemia, candidatos não podem esquecer máscara nem fazer aglomerações. [Página 3](#)

Foto: Roberto Guedes



Tecnologia é aliada das ações de segurança

Câmeras de monitoramento espalhadas pelas diversas regiões do estado têm ajudado os órgãos de segurança nas investigações e operações de repressão ao crime. [Página 6](#)

Almanaque

Foto: Arquivo de família



Segunda Guerra: a história dos pracinhas paraibanos

Condecorado por ato de bravura, o segundo tenente Bráulio dos Santos Pinto é um dos poucos soldados ainda vivos para contar a trajetória dos paraibanos no combate. [Página 17](#)

Geral

A União estreia duas colunas sociais e caderno de Economia

Jornal passa a contar com a colaboração de Messina Palmeira, Abelardo Jurema e de um time formado por seis especialistas em diversas áreas da economia. [Página 4](#)

Paraíba

GIRO NOS MUNICÍPIOS

Foto: Divulgação



Terra das águas Município de Coremas possui o maior complexo hídrico do estado e é conhecido por ter um pôr do sol que encanta moradores e visitantes. [Página 8](#)

Cultura

Foto: Divulgação



Cinema Atriz paraibana Isadora Cruz estreia em Hollywood no filme de terror "The Hatter". [Página 9](#)

Foto: Vitor Silva/Botafogo

Esportes

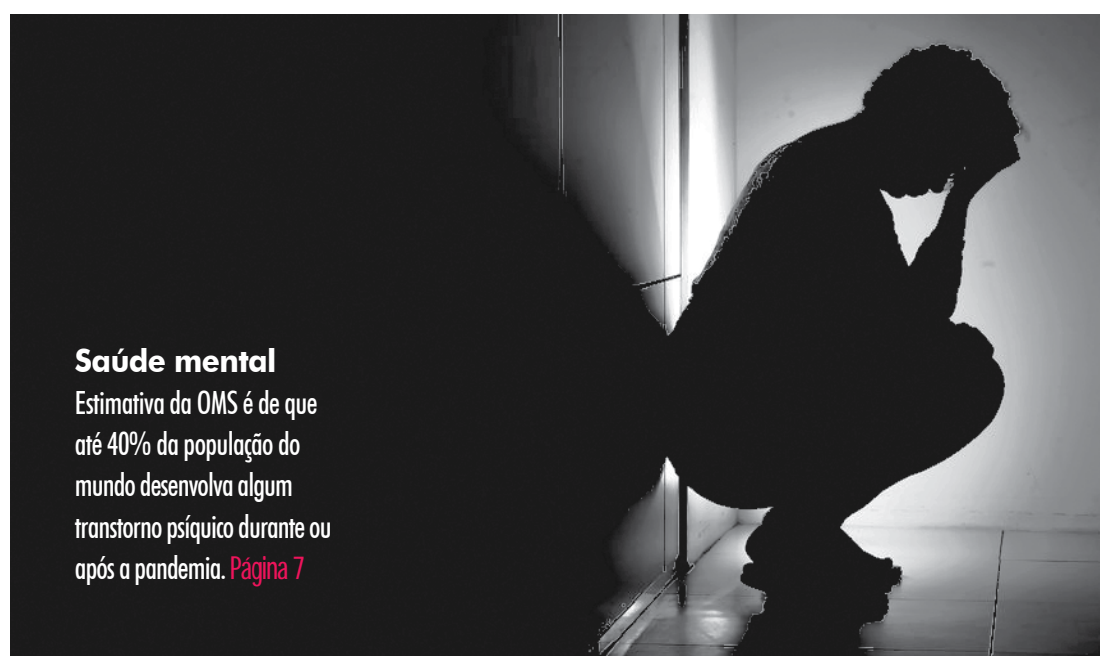


São Paulo O Tricolor, que já esteve com sete pontos de vantagem sobre o segundo colocado, hoje tem apenas três. O time pega o Athletico do Paraná, fora de casa. [Página 12](#)

Saúde mental

Estimativa da OMS é de que até 40% da população do mundo desenvolva algum transtorno psíquico durante ou após a pandemia. [Página 7](#)

Foto: Pixabay



Editorial

Futuro verde

Não tem nada de extraordinário, mas, no caso, a prioridade dada aos assuntos relacionados à pandemia de covid-19, tanto nas redes sociais como nos tradicionais veículos de comunicação, cria a falsa impressão, em muitas pessoas, de que os problemas do mundo estão circunscritos aos óbitos e internações em hospitais e aos protocolos de segurança sanitária, como isolamento social, uso de máscaras de proteção e álcool em gel.

Há, no entanto, outros problemas considerados tão ou mais sérios que a pandemia, que impedem que a Terra se transforme no paraíso que quase todos querem. Uma das questões que tiram o sono de muita gente diz respeito aos impactos da mudança climática provocada, entre outros fatores, pela elevação da temperatura do planeta, a exemplo de tempestades, inundações, ondas de calor, processos de desertificação e elevação do nível do mar.

O novo relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), divulgado há menos de uma semana, faz um alerta, na verdade, uma espécie de chamamento, para que as nações intensifiquem “urgentemente as ações para se adaptarem à nova realidade climática”, caso contrário, terão de “enfrentar sérios custos, danos e perdas”. Ocorre que perdas, danos e custos os países já estão enfrentando, na tentativa de deter a pandemia.

Observe-se que o documento do PNUMA não faz referência ao desmonte dos processos que ocasionam a mudança climática, mas à “adaptação” das nações à nova realidade ambiental, adequação esta que a própria razão de existir do Acordo de Paris, que tanta ojeriza suscita entre os extremistas de direita. Esse tratado internacional, aliás, exige de seus signatários que “planejem e implementem (com urgência) medidas de adaptação”.

Diante do retrocesso econômico, decorrente da crise sanitária, será muito difícil às nações organizar onerosos planos nacionais com vistas à construção de um “futuro verde”. Embora registre avanços pontuais no planejamento global, o relatório do PNUMA reconhece que “enormes lacunas permanecem no financiamento aos países em desenvolvimento”. É a velha divisão do mundo entre pobres e ricos manifestando-se mais uma vez.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

O voto de cabresto

O voto de cabresto é uma excrescência na política que vem desde a proclamação da república em 1889. A nossa primeira constituição republicana instituiu o direito ao voto popular. Porém, nem todos podiam comparecer às urnas para escolher seus representantes no legislativo ou os governadores e prefeitos. Só os homens alfabetizados eram eleitores. As mulheres e analfabetos estavam excluídos desse direito de cidadania. Estabelecia-se a forma eleitoral impositiva e autoritária praticada pelos coronéis. As elites agrárias formavam seus “currais eleitorais” com o objetivo de adulterar e manipular o resultado das eleições.

Eram votos abertos em troca de favores. Reconhecemos que nos tempos atuais, mesmo com as urnas eletrônicas, o exercício do voto negociado ainda

é intensamente executado, e os currais eleitorais continuam existindo nas regiões interioranas do nosso país. Mesmo com o sigilo do voto, é possível identificarmos o voto de cabresto moderno. Muita gente prefere votar nos candidatos que se apresentam com a oferta de benefícios que suprem suas necessidades básicas a curto prazo. A criminosa exploração da miséria do povo. Durante o processo eleitoral, principalmente nas cidades do interior, candidatos utilizam diversos meios ilegais para manter o poder nas mãos de uma elite política local. A compra do voto,

driblando a legislação e a fiscalização do poder judiciário e policial, permanece sendo um artifício de muitos dos profissionais da política.

Claro que há uma luta enorme para combater esse crime eleitoral, na busca de alcançarmos um estágio político em que o voto seja exercido conscientemente e com total independência, alimentando o sonho de uma democracia verdadeiramente representativa. Mas, infelizmente, ainda é um mecanismo enraizado na nossa cultura política. Não conseguimos no Brasil contemporâneo

“ Durante o processo eleitoral, principalmente nas cidades do interior, candidatos utilizam diversos meios ilegais para manter o poder nas mãos de uma elite política local. ”

livrarmo-nos definitivamente do sistema tradicional de controle do poder político por parte das elites regionais.

Para entendermos melhor o que seja esse voto controlado, compreendamos o que quer dizer a expressão “cabresto”.

É algo que se usa para dominar um animal e conduzi-lo para onde o seu dono quiser. Então, essa parte do eleitorado que se permite ter sua consciência “comprada”, está nivelada ao comportamento dócil e submisso dos animais irracionais “encabrestados”. Por isso que é comum se chamar esse pessoal de “gado”, porque não tem vontade própria, susceptível às propostas clientelistas.

Acabar com o “voto de cabresto”, que na modernidade podemos classificar como “voto de permuta”, é, sem dúvidas, o grande desafio da democracia brasileira no século XXI.

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Estrela do crepúsculo

Ela estava catando alimentos no coletor de lixo estacionado no oitão do Palácio do Governo — o Dos Despachos, no Centro Administrativo. Era terça-feira da Semana do Meio-Ambiente, tardinha, hora da estrela Vésper. Seu gesto minucioso de dona-de-casa seria o mesmo junto à gondola do supermercado. Ao seu lado, três sacolas de compras, daquelas distribuídas pelos templos do consumo. E um cheiro forte de tempero aziago. Dedos magros como convém a uma catadora de lixo; as pernas, semelhantes aos dedos, dominavam a passarela da balastrada dos Despachos.

O lixo seria de Palácio ou do Hospital São Luiz, de tuberculosos, do outro lado da alameda de jambeiros?

De quem seria o sobejo catado - da física ou da Corte? O semblante não parecia preocupado com esse detalhe. E mesmo a física não teria muito a contaminar. A cortesia da tarde era íntima dos bacilos descartáveis. No oitão de Palácio, ao lado do Hospital, a bela da tarde continuava uma antiga atividade, iniciada na época das cavernas do tempo: a coleta dos frutos da tarde. No oitão do Governo e da Saúde, a cortesia dos jambeiros repetia o gesto de outras mulheres que demandavam as gondolas atracadas nas estivas.

Era terça-feira da Semana do Meio-Ambiente. Longe, no Porto dos Casais, onde o Rio Guaíba deságua na Lagoa dos Patos, choravam-se as exéquias do José Daudt, deputado e campeão da ecologia. Ele defendia a tarde e seus frutos para que as mulheres pudessem, como no tempo da tribo, fazer a coleta vespéral. Mas os emboscados no crepúsculo mataram Daudt. Os emboscados querem a noite para sempre.

Os emboscados não querem os frutos para as mãos, a tarde para a volta, as fontes para os cântaros morenos. E o coração de Daudt foi plantado na curva do Guaíba que tanto queria doce e puro, junto aos campos que tanto queria verdes. A freguesa da tarde nem sabia que um homem morreu para os frutos do verão chegarem frescos até o gesto coletor, para as safras serem de todos.

A tarde tinha cheiro de oitão. Cheiro de restos piedosamente resgatados pela rapina leve e meticulosa da mulher-abutre. Ela reciclava a natureza que não podia se perder. A passageira dos oitões catava o refugio da tarde para o repasto da noite. Seu gesto era frugal e fortuito, gesto de asa sobre os ramos da morte. Gesto mais de pausa, sobejo de movimento.

A mulher, a musa, a morte, a mão de afogada, a fruta só casca, o ramo só espinho, a rua só oitão, rica de lixo, entre Palácio e o Hospital.

A elegia de Mauro Mota poderia ser para seu gesto: “A ternura das mãos que iam colhê-las, / eram as rosas que colhiam antes”. Mas não havia rosas, nem mesmo o roxo dos jambos; só o gesto agudo espetando o lixo.

Seus dedos poderiam tanger o salmo de Schmitt: “Meu amor, tuas mãos estão quietas, / e sobre os teus cabelos a luz da estrela da tarde pousou como um pássaro no seu primeiro voo.”

Mas urgia dedilhar o marfim dos semitons, semínimos, semidecompostos ao sol bemol. A estrela Papa-Ceia brilhava no oitão do céu, anunciando a rápida noite; as estrelas são pontuais e aquela tinha pressa.

“ Os emboscados querem a noite para sempre. Os emboscados não querem os frutos para as mãos, a tarde para a volta, as fontes para os cântaros morenos. ”

Domingos Sávio

savior_fel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albigeo Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferrelha
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA: 99143-6762



Quase 160 mil estudantes fazem hoje as provas do Enem na PB

São 541 locais de provas distribuídos em 55 municípios paraibanos; 3.483 alunos estão inscritos para a versão virtual

Laura Luna
lauraluna@epc.pb.gov.br

Cerca de 160 mil candidatos fazem hoje as provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) em nos 541 locais de prova distribuídos em 55 cidades paraibanas na Paraíba. Linguagens, ciências humanas e redação serão aplicadas neste que é o primeiro dia de provas do concurso. Para evitar aglomeração os portões serão abertos meia hora mais cedo. Além da atenção com o horário, o candidato não pode esquecer o documento oficial de identificação com foto, a máscara de proteção - essencial para ingressar nos locais de prova -, além da já conhecida caneta com tinta preta.

Na Paraíba 158.493 candidatos estão inscritos no exame tradicional e 3.483 farão a versão digital. Em ano de pandemia, os cuidados para evitar a disseminação da covid-19 exigiram mudanças. Segundo dados divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep),

responsável por realizar o exame, medidas de biossegurança como distanciamento, com o aumento na quantidade de locais de prova, e higienização das salas e mãos dos candidatos com álcool em gel acontecerão durante todo o processo.

É justamente neste ano atípico que Aline Aparecida vai fazer o Enem pela primeira vez. A aluna da rede pública, que sonha em ingressar no curso de Engenharia Civil, confessa que além de ansiosa está temerosa. "Porque nós estamos vulneráveis e suscetíveis a contrair a doença. Na verdade, os riscos de contágio só aumentam a ansiedade que é normal sentir quando se vai fazer um concurso importante como o Enem". A candidata, que desde o início da pandemia estuda de maneira remota, conta que treinou também o uso da máscara, sem a qual não é possível entrar nos locais de prova. "Serão horas fazendo as provas e eu nunca passei tanto tempo com máscara. Incômodo eu sei que será, com certeza, por isso em

casa em alguns momentos eu estudava com máscara para ir acostumando". Dificuldades à parte, Aline está confiante e se prepara para realizar as primeiras provas do Enem com a certeza de que, em um ano tão desafiador, se esforçou para dar o seu melhor. "É um sonho de pequena, desde quando vi minha mãe ingressar na universidade que sonho com isso e eu espero conquistar minha vaga na universidade pública".

As provas tradicionais serão realizadas hoje, com início às 13h30 e encerramento às 19h e próximo domingo, 24, quando o encerramento acontece mais cedo, às 18h30. As provas digitais serão aplicadas nos dias 31 de janeiro e 7 de fevereiro. O resultado será divulgado em 29 de março. O Enem 2020 acontece em meio a discussões e pedidos de cancelamento por conta do contexto de pandemia que o país ainda enfrenta. Nas últimas semanas, entidades estudantis e científicas de todo o país solicitaram o adiamento do Enem, sem sucesso.



Mais de 2,1 mil policiais na segurança

As provas do primeiro dia Enem 2020 na Paraíba terão esquema de segurança com mais de 2 mil policiais militares. Além disso, serão utilizados drones de monitoramento e viaturas serão utilizados nos 541 locais de prova distribuídos em 55 cidades paraibanas. A Secretaria de Estado da Segurança Pública e Defesa Social (SEDS) informou que vai atuar com 2.100 policiais e 340 viaturas nos dois dias do exame. O contingente e a estrutura de segurança foram ampliadas devido ao aumento de 40% do número de locais de provas.

A operação de segurança do Enem na Paraíba será acompanhada em tempo real por três Centros de Comando e Controle: Em João Pessoa (Quartel do Comando Geral), Campina Grande (sede do Comando do Policiamento Regional I) e Patos (Comando do Policiamento Regional II).

No país

Em todo país, cerca de 5,8 milhões de estudantes estão inscritos para fazer as provas. A lista do que é ou não permitido no exame é semelhante para as duas ver-

sões. Neste ano, além do documento oficial de identificação com foto e da caneta esferográfica de tinta preta, fabricada em material transparente, itens obrigatórios também nos exames anteriores, a máscara de proteção facial passa a integrar essa lista. Os participantes que não estiverem com máscara de proteção facial não poderão ingressar no local de prova.

Embora não seja obrigatório, é recomendado que os participantes levem também pelo menos uma máscara extra para trocar durante a prova. Haverá nos locais de prova álcool em gel para que os estudantes higienizem as mãos, mas é permitido que os participantes levem seu próprio produto.

Também é recomendado que os participantes levem lanche e água e/ou outras bebidas, com exceção de bebidas alcoólicas que não são permitidas e podem levar à eliminação do candidato. É recomendado também que se leve, no dia do exame, o Cartão de Confirmação da Inscrição.

UN Informe

Ricco Farias
papirieletronico@hotmail.com

POPULAÇÃO PRESSIONA, MAS RODRIGO MAIA NÃO ACENA COM POSSIBILIDADE DE DEFLAGRAR IMPEACHMENT DE BOLSONARO



Foto: Agência Brasil

O presidente da Câmara Federal, Rodrigo Maia, está às voltas com uma pressão, tanto da classe política quanto da população, por meio das redes sociais: dar encaminhamento ao processo de impeachment do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) por crime de responsabilidade - existem mais de 30 pedidos de impedimento do presidente que estão engavetados na casa legislativa. Logo que foram protocolados os primeiros pedidos de impeachment, Maia se posicionou contrário, sob o argumento de que seria temerário para o Brasil, econômico e socialmente, deflagrar um processo desgastante como o do impeachment - a experiência anterior, o impedimento de Dilma Rousseff (PT), já havia comprovado o quão nocivo é para um país tal acontecimento. Com o passar do tempo, Maia fez duras críticas a Bolsonaro e ambos trocaram farpas em público, porém o presidente da Câmara resistiu aos apelos da oposição e até de integrantes de partidos que apoiam a gestão para dar andamento ao impeachment. Existe uma sensação de que Maia, apesar de taxar a gestão de Bolsonaro de incompetente e afirmar que o país caminha para o abismo, se omite em adotar uma postura mais incisiva para barrar a inoperância da gestão presidencial.

INVESTIGAÇÃO E IMPEACHMENT

Caso a investigação do Ministério Público Federal, que abriu inquérito civil público, comprove a prática de improbidade administrativa de agentes públicos no tocante ao agravamento da crise na saúde pública de Manaus, isso poderá ser um fato deflagrador para um processo de impeachment de Bolsonaro. Teria havido omissão no caso da falta de oxigênio na rede de saúde da capital do Amazonas.

"MOSTRA INCOMPETÊNCIA"

Secretário de Segurança da Paraíba, Jean Nunes se posicionou contra a política do Governo Federal de incentivo ao armamento da população. "Delegar isso à população [segurança] é temerário, mostra incompetência. Deveria apoiar os estados para fazer o combate à criminalidade. Incentivar a compra de armas é preocupante", argumentou.

"CAPACIDADE DE AGREGAR"

Nilda Gondim (MDB) declarou os motivos que a levaram a apoiar Simone Tebet como candidata a presidente do Senado para além do fato de ser correliionária da senadora: "Ela tem capacidade de agregar, mostrou competência como presidente da maior comissão do Senado [Constituição e Justiça]. Pela primeira vez, temos uma mulher disputando esse cargo".

"TEM MUITA FORÇA"

Aguinaldo Ribeiro (PP) comentou a parceria política entre o prefeito Cicero Lucena (PP) e o governador João Azevêdo (Cidadania). "Vamos vivenciar uma experiência nova, depois de muitos anos, ver com duas gestões trabalhando juntas. E filosofou sobre a aliança entre os partidos: "O que está pra acontecer tem muita força".

AINDA NA OPOSIÇÃO

O MDB ocupa cargos no governo de Jair Bolsonaro, mas integrantes do partido, como o recém-filiado Veneziano Vital do Rêgo já antecipou para a cúpula partidária: não se furtará em fazer oposição à gestão. Vale lembrar que até recentemente ele militava nas hostes do PSB, que faz oposição ferrenha ao presidente. Continuará assim.

JULIAN LEMOS SOBRE BOLSONARO: "NÃO É AQUELE QUE ELEGEMOS"

Apoiador de primeira hora do governo Bolsonaro, o deputado federal Julian Lemos (PSL) parece estar abandonando sua convicção de que a condução do país está em boas mãos: "O que vemos hoje é uma fração idolatrando Jair Bolsonaro e deixando as ideias para traz. Esse homem que está no poder não é aquele que elegemos", postou nas redes sociais.

Às vésperas dos 128 anos, A União anuncia novidades

Jornal retoma o tamanho de antes da pandemia, com 24 páginas, estreia colunas sociais e caderno de economia

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

A pandemia da covid-19 afetou o mundo em todos os setores e a alternativa para sobreviver em um cenário nunca experimentado pela maioria foi se reinventar. Foi assim com o Jornal A União, que buscou se ajustar à nova realidade com o trabalho em home office e menor quantidade de páginas. Porém, a partir desta terça-feira, às vésperas de completar 128 anos de história e contando a história, a publicação retoma o número normal de páginas, passando de 16 para 24, e com novidades. Além do retorno dos colunistas sociais, A União passa a contar com um caderno de economia que vai brindar o leitor com dicas, esclarecimentos e orientações.

Uma das missões da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) é oferecer informação de qualidade, no caso do jornalismo impresso, por meio do Jornal A União. E uma das tradições de A União é exatamente a renovação constante de sua feição gráfica e de seu conteúdo editorial. As novidades geradas neste processo geralmente surgem no início do ano, em virtude do aniversário do jornal, fundado em 2 de fevereiro de 1893.

Este ano, foi iniciado o processo de mudanças, retornando às 24 páginas, de terça a sábado, com uma edição mais robusta aos domingos, trazendo o caderno de economia, com reportagens exclusivas e uma seleção de colunistas. "A economia está presente em todas as esferas da vida humana, tanto individual como coletiva. O nosso objetivo, com o novo caderno, é levar para o leitor o máximo de informações, incluindo análises sobre este complexo universo, tratando de finanças domésticas a comércio exterior, passando pela economia criativa, empreendedorismo, mercados, indústria e comércio, planejamento estatal", disse o diretor de Mídia Impressa, William Costa.

Para atender outra demanda dos leitores, o jornal retorna com duas colunas sociais: uma diária, outra dominical, assinadas, respectivamente, pelos jornalistas Abelardo Jurema e Messina Palmeira. "Com isso, ampliamos a cobertura em nível local nas áreas de eventos sociais, análises e informações corporativas, políticas sociais, entretenimento e cultura, e avançamos na prática de um jornalismo plural, tão caro às sociedades democráticas", acrescentou.

A União reforça a sua missão de oferecer informação de qualidade, renovando-se para acompanhar as transformações sociais



Oito profissionais formam a nova equipe de colaboradores

Oito profissionais renomados passam a fazer parte do time de colunistas do Jornal A União e, a partir desta terça-feira, irão contribuir com informações e análises, abordando desde as novidades da sociedade e turismo, até finanças pessoais, marketing, economia criativa, empreendedorismo, economia internacional, desenvolvimento econômico e gestão estratégica. Para quem não abre mão das notícias sobre personalidades, a coluna do jornalista Abelardo Jurema será publicada de terça a domingo. Para os que querem estar antenados com o turismo, a coluna da jornalista Messina Palmeira trará as novidades no setor uma vez por semana.

Se o assunto é cuidar do dinheiro, o consultor financeiro Flávio Uchôa vai falar sobre finanças pessoais e dar dicas de investimentos.

Com o cenário de pandemia, o consumidor mudou de comportamento, passando a utilizar mais a tecnologia, e é sobre isso que a jornalista Georgina Luna vai tratar. Por outro lado, a gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, Regina Amorim, vai trazer todas as informações sobre economia criativa. Já Fabrício Feitosa, secretário executivo de Empreendedorismo do Governo do Estado e gestor do Programa Empreender PB, vai abordar o empreendedorismo.

Para fechar o time, o consultor em comércio exterior Tales Santos, vai informar o leitor sobre economia internacional e como o Nordeste está nesse cenário. Já o presidente do Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB), Francisco Nunes, abordará questões relacionadas ao desenvolvimento econômico e gestão estratégica.

CONHEÇA OS COLUNISTAS

■ Abelardo Jurema

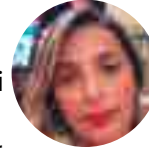
"Eu me sinto muito feliz e honrado em ingressar nos quadros de A União, que considero a grande escola do jornalismo paraibano. Após 45 anos de atuação profissional, com passagem em todos os veículos de mídia impressa do nosso Estado, a coluna Abelardo Jurema chega a esta casa na plenitude de sua maturidade profissional, praticando um jornalismo de qualidade, comprometido, exclusivamente, com o leitor que vai receber um noticiário amplo, confiável e diversificado sobre os assuntos que são do interesse coletivo", declarou o jornalista, que é membro da Academia Paraibana de Letras. "Já estava com um pé em A União com os meus artigos que tenho publicados às terças-feiras. Agora coloco o outro pé fincado no jornal que ensinou a Paraíba a ler e a se informar".



notícias, pesquisas, dicas, por exemplo, de como cuidar do seu dinheiro, como fazer orçamento, como pagar dívida e como fazer para que sobrem recursos mensalmente. Pelo lado dos investimentos, vamos abordar quais as oportunidades de investimentos disponíveis no mercado, quais os produtos de investimento. Minha expectativa é que a coluna seja uma fonte de pesquisa do leitor", comentou o colunista.

■ Georgina Luna

Quando a jornalista Georgina Luna pensou na coluna, sua ideia foi modernizar. "Percebi que o jornal está nesse processo de modernização, que é natural. Pensei em aproveitar esse momento para falar do marketing, trazendo tendências, mudanças de comportamento do consumidor nesse período de pandemia. Costumamos dizer que o que a tecnologia cresceria três anos para a frente, teve que ser antecipado para dar conta da expectativa do consumidor. Empresas migraram para o e-commerce, Instagram. É isso que quero trazer para a coluna, a expectativa do consumidor, como a tecnologia tem ajudado as empresas. Vamos falar um pouco também sobre o mundo do marketing, publicidade e propaganda". A coluna será publicada às quartas-feiras.



■ Regina Amorim

"Falar do que acreditamos e das tendências no mundo dos negócios é simplesmente gratificante. A economia criativa está entre as novas economias emergentes para um mundo em transformação. Vai ser prazeroso compartilhar casos de sucesso da Paraíba, do Brasil e de outros países. E de forma bem clara, repassar a essência de cidades criativas e de negócios que se desenvolvem, utilizando recursos que são ilimitados, que se renovam e se multiplicam", explicou Regina Medeiros Amorim. Atualmente, é gestora de Turismo e Economia Criativa do Sebrae-PB, presidente da Associação de Turismo e Cultura de Santa Luzia-PB (Santura) e do Fórum de Turismo Vale dos Sertões. A coluna sairá às quintas-feiras.



■ Fabrício Feitosa

O secretário executivo de Empreendedorismo do Governo do Estado e gestor do Programa Empreender PB, Fabrício Feitosa, também passa a compor time do Jornal A União. Com sua experiência na área de empreendedorismo, vai trazer informações voltadas para o tema toda sexta-feira. "A ideia é abordar os temas relacionados ao empreendedorismo, falar sobre os problemas enfrentados pelos empreendedores, mas também trazer dicas e falar sobre as novidades dos negócios. Além disso, como também sugerir e apontar boas práticas da gestão empreendedora.



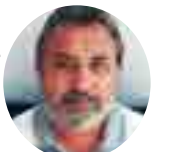
■ Tales Santos

A coluna de Tales Santos, consultor em comércio exterior, vai abordar temas relacionados à economia internacional, balança comercial, relação do Nordeste com o comércio exterior, ação governamental nas empresas, exportação. "Será nessa linha", enfatizou. Para Tales, a expectativa em fazer parte do time de colunistas de A União é das melhores. "Sou apaixonado por comércio exterior e minha expectativa é boa, defendendo a pauta. Além disso, fico muito feliz em ter a oportunidade de escrever e de popularizar o assunto", destacou. A coluna será publicada aos sábados.



■ Francisco Nunes

"Será um grande prazer colaborar com o Jornal A União, numa perspectiva de interagir com o público leitor sobre desenvolvimento econômico e gestão estratégica. Minha expectativa é poder provocar reflexões junto aos gestores públicos e privados sobre como as ideias e as formulações estratégicas podem influenciar no alcance de novos patamares de crescimento e desenvolvimento nas dimensões territoriais - municípios, regiões, estados e país - e no sistema produtivo privado", destacou Francisco Nunes, presidente do Conselho Regional de Economia da Paraíba (Corecon-PB). Paraibano de Pombal, Chico Nunes é economista pela UFPB com Pós-Graduações no Brasil e na Itália. A coluna será dominical.



Naná Garcez destaca capacidade de renovação

"A nossa ideia é oferecer sempre um conteúdo mais amplo e diversificado para o leitor paraibano. Nós retomamos, diante da circunstância atual de adaptação à convivência com um cenário pandêmico, o número de 24 páginas. Conseguimos nos adaptar a essa realidade do ponto de vista de insumos, porque nós reduzimos insumos gráficos e fizemos a readequação dos ambientes de trabalho. Estamos em condições de retomar esse acréscimo com mais informação de qualidade para o leitor", declarou Naná Garcez, diretora-presidente da EPC.

Ela observou que a economia é parte do cotidiano. "É muito importante ter as informações precisas, opiniões claras sobre os vários segmentos que estarão sendo

abordados. Planejamento estratégico, oportunidade de investimento, marketing do setor produtivo, economia criativa, empreendedorismo, também como conduzir as contas pessoais, sejam de educação financeira, possibilidades de investimento para ter uma vida econômica mais equilibrada", explicou.

Do ponto de vista dos colunistas que vão estreitar, Naná enfatizou que haverá uma abordagem ampla da economia. "A União vai completar, em fevereiro, 128 anos de circulação, com uma capacidade de se renovar por várias gestões e nós, dentro desse novo cenário que se apresenta, de adequações, estamos retomando a edição de 24 páginas com capacidade técnica, de recursos humanos nessa linha. O objeti-

vo é enriquecer A União para que o leitor também tenha mais informação", destacou.

Naná também lembrou que as colunas sociais fazem parte do cotidiano e, mesmo que os grandes eventos estejam reduzidos pelas circunstâncias da pandemia, as pessoas gostam de saber o que está acontecendo na cidade, em torno de personalidades. "Coluna social é um reflexo do cotidiano de relações humanas e relações de negócios também. Os dois colunistas são bastante experientes, - Abelardo Jurema e Messina Palmeira - têm perfis diferentes e, por isso, o jornal vai ganhar".

Força e relevância

O gerente executivo de mídia impressa, André Cananéa, explicou que o jornal

A União volta ao seu tamanho normal para atender o grande volume de informação que tem pautado o noticiário local, nacional e internacional nestes tempos de pandemia. Ele lembrou que A União se manteve firme, ao longo de 2020, cumprindo seu papel social de levar aos leitores um noticiário isento, voltado à análise, ao resgate da história e às atividades do dia a dia do estado, mostrando a força e a relevância do diário impresso mais antigo da Paraíba.

"Nesta nova fase, iremos valorizar as pautas de economia, criando um caderno para atender as notícias que mexem com o bolso do consumidor, em matérias movidas pela informação correta e a análise, que são a marca registrada do jornal", enfatizou.



A saga de um refugiado venezuelano

O warao Epifânio Moreno fez uma longa caminhada e passou fome até chegar à Paraíba, onde mora hoje



Foto: Arquivo pessoal

O cacique warao é um entre os 230 indígenas refugiados que estão na Paraíba

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

Sentado em uma cadeira, na sala da Casa Abrigo onde reside agora, no bairro da Torre em João Pessoa, o cacique warao, Epifânio Moreno, começa a contar sua história, misturando as palavras entre o português, o espanhol e os gestos na tentativa de ser o mais claro possível. Viúvo de seu primeiro casamento, ele casou-se novamente e soma, ao todo, 18 filhos. Com 54 anos de idade, o venezuelano está no Brasil há cerca de dois anos e vive agora uma vida relativamente confortável, mas nem sempre foi assim. Na trajetória de milhares de quilômetros entre a Venezuela e o Brasil, Epifânio esbarrou com a fome, o medo e o luto.

Começou a falar espanhol por volta dos 18 anos, quando trabalhou em um quartel venezuelano. Aprendeu desde cedo a plantar e pescar, vivendo do que a natureza oferecia. Quando tinha seus 35 anos, políticos locais lhe ofereceram boa vida, em troca de serviços e de dinheiro. Na época, Epifânio negou, afirmando que não era de político e que trabalhava com as próprias mãos. A partir desse momento, desencadeou-se uma crise que matou parte da família do cacique warao, cerca de 100 pessoas, segundo ele.

Morando em uma das comunidades nas imediações de Tucupita, o cacique relembra que havia governador, prefeitura, que a todos pediu ajuda e não obteve retorno. À época, Epifânio pediu por um carro para que pudesse trabalhar e se locomover pela região. Precisavam de dinheiro para roupas, remédios e até alguns alimentos que não conseguiam

plantar. Muitas foram as soluções oferecidas mas nada foi feito.

Depois de quase um mês sem comida na Venezuela, Epifânio decidiu que viria ao Brasil com sua família. "Pensamos no Brasil porque tinha comida, tinha empresa para trabalhar; na Venezuela não tinha empresas e nem máquinas e a comida era só para quem tinha dinheiro, para quem era milionário", disse o cacique, entristecido ao lembrar. Na ocasião em que decidiu vir ao Brasil, Epifânio reuniu sua família e se juntou a outras 500 pessoas.

A caminhada por cerca de dois mil quilômetros durou um mês até chegar a Manaus, no Amazonas. Com a respiração oscilando ao lembrar momentos tão difíceis, Epifânio se emociona ao contar que algumas das pessoas morreram durante o percurso, incluindo um de seus filhos, que morreu de fome e precisou ser enterrado no caminho, para que eles pudessem seguir. Às vezes, conseguiam comida e o foco era alimentar as crianças; e a caminhada só acontecia durante o dia, pois tinham medo do que a noite poderia reservar para eles na trajetória. "Yo rogava a Dios para me ajudar, dizia que no queria morrer e que queria chegar ao Brasil", contou.

Já em Manaus, Epifânio e os companheiros receberam doações de cestas básicas, puderam se alimentar e trabalharam por alguns dias pedindo dinheiro pelas ruas. Com um dos filhos em Belém, o cacique não pensou duas vezes até reunir a família junto a ele. "Falei com o

dono de um barco e ele me embarcou, eu não comi por uma semana e aí chegamos em Belém. Aguentava somente por causa da água", lembrou.

Mas a capital do Pará ainda não era o destino final de Epifânio e sua família. De lá, decidiram ir até São Luís, no Maranhão. "Passamos três dias sem comer até chegar em São Luís. O pouquinho que tinha, dava para as crianças, porque o adulto aguentava. Passamos três meses em São Luís, pagando aluguel de 650 o mês, eu paguei 3 meses e trabalhei na rua para conseguir, pedindo. Eu tinha um cartaz falando quem eu era, pedindo ajuda para pagar o aluguel e para comer", comentou ele. Epifânio tinha uma irmã que morava em Recife e juntou dinheiro para conseguir deslocar a família do Maranhão até Pernambuco.

Ele conta que, na época, custava 175 reais por pessoa, mas ele conseguiu pagar 600 reais para que levassem 100 pessoas e assim foram. Os desafios na metrópole pernambucana foram grandes também. A casa em que estavam não tinha segurança, por muito tempo não tinha banheiro, nem fogão e nem energia elétrica.

Um de seus filhos se mudou para a Paraíba e começou a residir na rua da República, pagando um aluguel de 600 reais. Foi quando Epifânio decidiu vir para João Pessoa.

Passamos três dias sem comer até chegar em São Luís. O pouquinho que tinha, dava para as crianças, porque o adulto aguentava. Passamos três meses em São Luís, pagando aluguel de 650 o mês, eu paguei 3 meses e trabalhei na rua para conseguir, pedindo. Eu tinha um cartaz falando quem eu era, pedindo ajuda para pagar o aluguel e para comer //



Sonho: conseguir emprego

Atualmente, depois de toda uma trajetória sofrida, Epifânio ressalta que só faltam duas coisas para sua felicidade plena: um emprego e sua filha junto a ele. Ainda na Venezuela, a filha do cacique é casada e possui quatro filhos. "Toda semana eu deposito 20 reais para ela comer lá. Quando as fronteiras abrirem, eu quero que ela venha. Ela precisa do seu papa e eu preciso da minha filha perto de mim", disse ele, emocionado.

Para 2021, Epifânio espera começar a trabalhar para viver melhor e parar de pedir nas ruas. Ele quer, em suas palavras, "um emprego como uma pessoa brasileira". O cacique warao destaca que possui formação venezuelana para dar aulas de canto e dança indígena, mas que também pode trabalhar limpando casas e piscinas. Mesmo diante da pandemia da covid-19, Epifânio enfatiza que não tem medo. Que está alegre, feliz, porque está comendo e dormindo bem. "Tenho medo de voltar para a Venezuela, porque lá não tenho comida", afirmou. "Eu agradeço por ter o abrigo. Agradeço a todo mundo da Paraíba e também às autoridades", completou ele.

A história de Epifânio Moreno é somente uma em meio a tantos refugiados que se deslocaram de seus países para o Brasil - e para a Paraíba. Segundo a Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social, existem cerca de 230 venezuelanos em João Pessoa, distribuídos em 5 Casas Abrigo; e 60 refugiados em Campina Grande. Todos eles, dentro desse número, são da etnia warao - ou seja, além de serem migrantes refugiados, também são indígenas.

Ainda de acordo com informações da SEDH, desde 2018 que a Paraíba recebe migrantes venezuelanos pela Operação Acolhida, com o projeto de interiorização, mas estes são não-indígenas e já tinham a acolhida articulada com diversas instituições do Estado. No caso dos waraos, eles tiveram uma chegada espontânea e se espalharam pelas ruas, vivendo em condições de vulnerabilidade e análogas à mendicância. Além dos venezuelanos, outras nacionalidades podem ser percebidas pelas ruas de João Pessoa, como os haitianos. Entretanto, não existe um levantamento da Secretaria para saber com exatidão quais e quantos são esses outros refugiados.



Fotos: Roberto Guedes



Foto: PRF

Câmeras de segurança ajudam polícias a desvendarem crimes

Vários homicídios foram solucionados, entre eles o assassinato de Expedito Pereira e agressões contra mulheres

Cardoso Filho
josecardosofilho@gmail.com

Assassinatos, assaltos, acidentes automobilísticos, invasões, agressões contra mulheres, contra idosos e também contra crianças, além das ações das polícias são alguns dos flagrantes de câmeras de monitoramento instaladas em avenidas, condomínios, interiores de residências e propriedades rurais. A importância do

equipamento é reconhecida pelas autoridades por desvendar casos considerados praticamente insolúveis. Muitas vezes o infrator é preso, no entanto, na presença das autoridades nega a autoria, até que seja apresentada imagens que comprovam sua participação em delitos.

Recentemente, o assassinato do ex-prefeito de Bayeux, Expedito Pereira, foi rapidamente desvendado pela Polícia Civil da Paraíba.

Imagens de câmeras instaladas pela Semob na Avenida Sapé – local do crime e também em outras avenidas do bairro de Manaíra e ainda pela Polícia Rodoviária Federal ao longo da BR-230, mostram toda a dinâmica do crime, desde o momento da execução do político até a entrada do criminoso na cidade de Bayeux onde fez a entrega da moto usada para a fuga, após o assassinato.

Para modernizar o tra-

balho das forças de segurança, o Governo da Paraíba implantou um sistema de monitoramento em todas as regiões do estado com acompanhamento numa sala na Secretaria de Segurança e Defesa Social. Com esses novos equipamentos todas as viaturas das Polícias Militar e Civil estarão interligadas às centrais regionais. Outros importantes casos flagrados são relacionados aos crimes de homofobia e de racismo.

ALGUNS CASOS DESVENDADOS

- **9 de dezembro de 2020** - Execução do médico Expedito Pereira
- **20 de janeiro de 2020** - Acidente na Avenida B. Rohan, provocou as mortes de duas pessoas.
- **24 de outubro 2020** - Colisão envolvendo carro e moto no cruzamento das ruas Beira Rio e Maximiano Figueiredo, no Centro. O motociclista ficou ferido.
- **29 de dezembro 2020** - Câmeras flagram homem abusando sexualmente de uma criança de 11 anos. Ele foi morto a tiros.
- **5 de janeiro 2021** - Cidade de Serraria- câmera flagra um cavalo se chocando contra o muro de uma loja, no centro da cidade, provocando a morte do homem que montava e do animal.

Semob da capital vai ampliar número de equipamentos nas principais vias

Em João Pessoa a Secretaria de Mobilidade Urbana possui setenta câmeras instaladas em avenidas de maior movimento, tais como Epitácio Pessoa, Beira Rio, Maximiano Figueiredo, Cruz das Armas, Rui Carneiro e

também no centro comercial da capital.

O gerente de operações da Semob, Sanderson Cesário, disse que devido a importância do equipamento a Prefeitura Municipal de João Pessoa está realizando estu-

dos para a instalação de mais trinta câmeras, com levantamento da população, a presença de pontos de internet. A central de monitoramento instalada na sede da Semob, os agentes verificam as imagens e em tempo real, e ao de-

tectarem qualquer infração acionam as equipes de rua. “Através desses equipamentos já ajudam a polícia a desvendar vários crimes, como acidentes de trânsito com vítimas, assassinatos, entre outros”, explica Cesário.

Delegado fala sobre eficácia dos aparelhos

O delegado Pedro Ivo explicou que os equipamentos ajudam a polícia, especialmente a investigar na busca para o esclarecimento de diversos crimes, principalmente na identificação da autoria do crime e dos demais participantes a partir de imagens. Exemplificou o assassinato de Expedito Pereira e o feminicídio ocorrido há cerca de quatro anos no bairro de Manaíra, ambos em João Pessoa. Outro crime de grande repercussão ocorreu no bairro do Bessa quando um taxista foi morto, de forma covarde, e toda ação foi gravada.

Pedro Ivo entende que esse equipamento é necessário para a sociedade moderna, dinâmica e serve como mecanismo de monitoramento do poder público na questão da segurança, além de outros fatores que possibilitam justamente esse aperfeiçoamento dessas políticas.

Segundo o delegado, quem se negar a fornecer

imagens gravadas e que serve de subsídios para desvendar um caso pode responder pelo crime de desobediência. “Se a câmera estiver instalada em ambiente público é obrigatório ser cedida e, em caso de ambiente privado, através de ordem judicial, explicou.

O tenente-coronel Marcos Barros, comandante do 5º Batalhão da PM, explica que a captação de imagens ajuda no trabalho da Polícia Militar na localização de envolvidos com a criminalidade, e exemplifica o caso do assassinato de uma mulher, na semana passada, no bairro de Mangabeira. “As imagens foram importantes para localização dos acusados”, disse.

Barros disse que a Polícia Militar possui a coordenadoria de tecnologia da informação, instalada no comando geral, que tem catalogada inúmeras ocorrências resolvidas através de imagens.

+ Rodovias federais são monitoradas

A Polícia Rodoviária Federal, na Paraíba, dispõe de equipamentos de tecnologia que são utilizados pelo setor de inteligência. Os sistemas, segundo o Núcleo de Comunicação do órgão são utilizados para otimizar o trabalho dos policiais na rodovia que é guiado pelos sistemas disponíveis e coordenado pelo setor de Inteli-

gência para acompanhamento de veículos quando há ocorrências relevantes, como no caso do ex-prefeito de Bayeux.

A assessora do Núcleo de Comunicação da PRF, Priscila Machado, disse que o órgão tem investido, cada vez mais, em tecnologias que facilitam e minimizam o tempo para identificação de

Foto: Divulgação



Equipamento de mão é conectado com a central na sede da PRF

+ Cabedelo também utiliza a tecnologia

No início dessa semana a Prefeitura Municipal de Cabedelo criou o binário em ruas do bairro de Intermares, com mudanças no trânsito e a instalação de câmeras de segurança. Para o diretor operacional da Guarda Municipal de Cabedelo, Irenildo Ribeiro da Silva, os equipamentos são de fundamental importância para o acompanhamento, através da central da Semob, do trajeto de um veículo roubado. Ele disse que logo que tomou conhecimento, determinou que guarnições da Rota Municipal (Romu) e do Pelotão

Ambiental iniciassem diligências, e localizaram a caminhonete, que pertence a um vereador do município, após roubada, sendo abastecida em um posto no centro da cidade. No interior do carro estavam quatro garotos, sendo que um deles tem 15 anos, dois de 16 e outro de 17.

Irenildo Ribeiro informa que diariamente mantém equipes da Guarda Municipal em pontos estratégicos e em contato constante com a Semob de Cabedelo.

As ruas de Cabedelo tanto da região central como dos bairros são monitoradas através de câmeras de segurança com acompanhamento em uma central na sede da Semob. “Esse trabalho é muito importante porque sempre que ocorre um fato dessa natureza nós somos informados e imediatamente agimos e sempre conseguimos lograr êxito”, explica Irenildo.

Com a ajuda das câmeras, foi possível desvendar um roubo de veículo em menos de duas horas



Foto: Roberto Guedes

Câmeras estão instaladas em avenidas, imóveis e em estabelecimentos

Janeiro Branco incentiva o cuidado com a saúde mental

Especialistas apontam o cenário da pandemia como um forte agravante para desenvolvimento de várias doenças



Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

O Janeiro Branco é uma campanha brasileira, iniciada em 2014, que busca chamar a atenção da sociedade para as questões relacionadas à saúde mental e emocional das pessoas. O tema deste ano sugere um pacto pela saúde mental da humanidade, cujo lema é "Todo Cuidado Conta".

O cuidado com a saúde mental esteve em evidência em 2020, afinal, a pandemia do coronavírus trouxe à tona as fragilidades do ser humano, acentuando a dificuldade de lidar com o emocional. Segundo estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), cerca de 30 a 40% da população mundial podem vir a desencadear algum tipo de transtorno psíquico durante ou pós-pandemia da covid-19.

Segundo informações do site oficial da campanha, o mês de janeiro foi escolhido porque as pessoas estão mais propensas a pensarem em suas vidas, nas relações sociais e nas resoluções e metas pessoais a serem alcançadas no ano que se inicia.

Para Leandro Roque, conselheiro do Centro Regional de Psicologia (CRP 13) e presidente da Comissão de Saúde Mental, Álcool e outras Drogas, a saúde mental ganhou um contexto diferenciado na pandemia.

"Depois do anúncio da OMS de que estaríamos diante de uma pandemia, diversas mudanças no próprio funcionamento da sociedade foram geradas. Pessoas em quarentena preocupadas por não poderem ficar em casa; funcionários trabalhando em home office; escolas, universidades e comércios fechados; pessoas que perderam o emprego e acumularam dívidas; medo do contágio e luto pela perda de alguém querido. Tudo isso foi gerando uma insegurança nas pessoas, então, esse contexto tem desencadeado crises de ansiedade, picos de estresse, insônia e afetado o sistema imunológico das pessoas. Por isso é imprescindível cuidar da saúde mental", contextualizou.

Apesar de enfatizarem a importância de campanhas de conscientização à população, psicólogos e psiquiatras afirmam que o cuidado e po-

líticas públicas devem ser o ano inteiro.

"A saúde mental deve ser tratada em todos os níveis de cuidado durante o ano todo, prezando pelo desenvolvimento de ações, políticas públicas, principalmente, as que favoreçam o acesso aos direitos, bem-estar físico, psíquico e social, enxergando nesses cuidados não só o indivíduo e sua subjetividade, mas também a coletividade.

Por isso, defendemos a importância da Psicologia no desenvolvimento das políticas de proteção social, saúde, educação, cultura, desde o período de formação dos profissionais de Psicologia.", avaliou Roque.



Através do QR Code acima, acesse o site oficial da campanha e saiba mais sobre o assunto

Leandro Roque, psicólogo: cuidados devem ser tomados o ano inteiro



Foto: Arquivo Pessoal

Estado oferta serviço psicológico para todos

De acordo com o psicólogo da Coordenação Estadual de Saúde Mental da SES, Lucilvio Silva, o Governo do Estado aproveita essas campanhas (Setembro Amarelo, Janeiro Branco), mas não levanta diretamente essas bandeiras porque no entendimento da instituição, essas ações devem ser continuadas. "Observamos uma questão comercial na tentativa de sensibilizar a população a procurar algumas linhas de cuidado médico e psicológico, mas no nosso entendimento as ações devem ser continuadas", explicou.

Desde abril, o Governo do Estado tem ofertado o serviço Suporte Psicológico do Estado por conta da pandemia e seus agravos à saúde mental.

"No primeiro momento, a gente começou a oferecer um suporte psicológico online a todos os profissionais de saúde, posteriormente, aos seus familiares. Como a pandemia não ia embora e o sofrimento e inquietações das pessoas não cessaram, decidimos ampliar o projeto

para todos", esclareceu.

O Suporte Psicológico funciona da seguinte maneira: caso o usuário do SUS deseje atendimento psicológico deve entrar em contato com WhatsApp do projeto (83)9 9146-2469 e esperar ser respondido pela equipe responsável. No primeiro momento, a equipe formada por seis profissionais da Residência Multiprofissional da UFPB realiza uma escuta psicológica com o paciente. "Este serviço on-line é ofertado para pacientes de todo o estado. Dependendo da



Lucilvio Silva é coordenador estadual de Saúde Mental da SES

demanda, encaminhamos o paciente para a atenção básica para o município. Caso a gestão não ofereça a assistência adequada ou a demanda seja muito específica, ficamos responsáveis pelo atendimento e encaminhamos o usuário para o agendamento com o psicólogo", explicou.

O psiquiatra Heydrich Virgulino também considera o Janeiro Branco uma campanha de conscientização importante, mas com algumas ressalvas. "Essas campanhas são importantes sempre. Em relação ao Janeiro Branco acho uma ideia bacana porque a campanha foca na saúde mental como um todo, então, a gente só pode colher benefícios. A minha ressalva em relação a essas campanhas é porque gasta-se muita energia e tempo focando numa campanha, mas depois a gente para de falar no assunto" opinou.

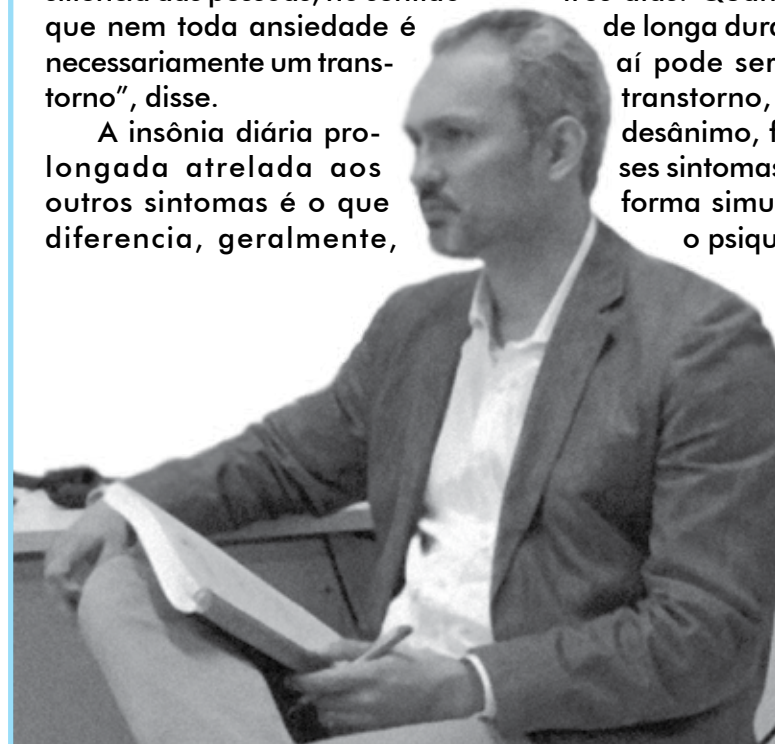
Psiquiatra alerta que nem toda ansiedade ocasionada pela pandemia é patológica.

Nem tudo é considerado patologia

O psiquiatra Heydrich Virgulino esclarece que apesar de todo o estresse e mistura de sentimentos ocasionados pela pandemia, as pessoas devem compreender que nem tudo é patologia. "É normal que as pessoas tenham ficado ansiosas, preocupadas e com medo, afinal, estamos diante de um momento histórico. É preciso respeitar a capacidade de resiliência das pessoas, no sentido que nem toda ansiedade é necessariamente um transtorno", disse.

A insônia diária prolongada atrelada aos outros sintomas é o que diferencia, geralmente,

uma preocupação de um transtorno. "É preciso estar atento aos sinais que diferenciam uma reação normal (insônia, ansiosa, preocupação) do transtorno (ansiedade, pânico, depressão). Uma fronteira que separa uma coisa da outra é o prejuízo. A insônia que reativa o estar preocupado dentro de um contexto de pandemia. Se eu tiver uma insônia de dois a três dias. Quando a insônia diária de longa duração, de 7 a 14 dias, aí pode ser decorrente de um transtorno, atrelado ao choro, desânimo, falta de energia. Esses sintomas têm que ocorrer de forma simultânea", diferenciou o psiquiatra.



O psiquiatra Heydrich Virgulino destaca: nem toda ansiedade é transtorno

Foto: Arquivo Pessoal



Coremas: guardiã das águas e rica em belezas naturais

Cidade abriga importantes reservatórios hídricos e é dona de uma paisagem única, na qual a natureza se faz presente

José Alves
zavieira2@gmail.com

O município de Coremas, situado no Sertão da Paraíba, se destaca por ser um importante polo pesqueiro do estado e por conter em sua paisagem o maior complexo hídrico do estado, os Açudes Coremas e Mãe D'Água. Eles são os maiores reservatórios de água do estado e o 5º do Brasil com capacidade de 1,4 bilhão de m³ de água. Com uma área territorial de 379 km², Coremas também sedia uma estação hidroelétrica da Chesf, que distribui energia para várias localidades da região.

A força econômica do município, segundo o vice-prefeito, Irani Alexandrino, vem da pesca e da atividade agrícola baseada no plantio de culturas de subsistência tradicionais, a exemplo de feijão, arroz e milho. Os habitantes se chamam coremenses e de acordo com o último censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Coremas tinha 15.445 habitantes. A cidade fica a 339 quilômetros de João Pessoa, e o tempo do percurso pela BR-230 entre as duas é de 5h.

Entre as principais atrações turísticas da cidade, o vice-prefeito cita o Pôr do Sol

de Coremas, considerado um dos mais belos do país. "Esse espetáculo está no topo das atrações por ter sido eleito o segundo mais bonito do Brasil através de um concurso realizado pelo Programa Fantástico da Rede Globo. Outro ponto que é parada obrigatória para quem visita a cidade é a sangria do Açude Mãe D'Água, que acontece nos períodos mais chuvosos", destacou.

Há anos, Coremas está inserida no mapa estadual de turismo rural, com vários pontos a serem destacados, a exemplo dos rios, das pequenas cachoeiras e das trilhas nas caatingas que convidam todos à prática do turismo de aventura. A Capela de Santa Terezinha, a Parede do Açude Estevam Marinho e as Praças Centrais também se destacam como pontos turísticos da cidade.

Religião

A cidade de Coremas conta com diversas denominações religiosas. Contudo, o catolicismo se destaca por sua importância histórica e cultural na sociedade coremense. A igreja matriz foi construída no ano de 1860, em homenagem a Santa Rita de Cássia. Já a capelinha de Santa Terezinha foi construída pelos trabalhadores do Dnocs aos pés da Serra de Santa Catarina durante

a construção da represa "Curema", e se tornou um dos principais pontos do turismo religioso da cidade.

História

Segundo historiadores, o local onde está instalada a cidade de Coremas, em seus primórdios, foi habitada pelos índios corembês (lábio inferior caído). Tribo pertencente à nação cariris, que ocupava parte do sertão oeste da Paraíba. Eram guerreiros valentes, e por um bom tempo resistiram bravamente aos colonizadores que chegavam à localidade.

A pacificação só foi possível através do esforço do coronel Manoel de Araújo Carvalho, que vendo a impossibilidade de vencer os nativos pela violência, conseguiu tudo através da amizade. Esse feito histórico aconteceu nos fins de século XVII, com a ajuda e apoio de três índios prisioneiros pertencentes àquela tribo. Com a ajuda dos três índios, ele conseguiu chegar ao cacique e negociar a paz entre ambas as partes. Com a pacificação, a região passou a ser habitada com segurança pelos fazendeiros, colonizadores e indígenas.

Os fundadores de Coremas foram os fazendeiros e comerciantes, João Soares

Evangelista, Manoel Gonçalves Piranhas, Antônio Moreira de Oliveira e Antônio Lucas de Lacerda. Em suas terras foram erguidas as primeiras casas na área onde hoje situa-se o núcleo urbano.

A cidade sempre pertenceu ao município de Piancó, aparecendo extra-oficialmente em 1910. Nos documentos municipais, já despontava com 26 residências e um pequeno comércio. Oficialmente, surgiu em 1911, com o nome de 'Curema'. Sua primeira feira organizada realizou-se em 19 de maio de 1919. Porém seu maior impulso populacional aconteceu durante a construção do Açude Estevam Marinho, em meados de 1936. Ocasão em que os empregados da obra, passou a residir na localidade. Em um acampamento para os trabalhadores, foram construídas 100 casas, alguns escritórios, um grupo escolar, um cinema, um hospital e uma capela.

Após ter sido conhecido por um bom tempo como "Distrito de Boqueirão de Curema", a localidade acabou sendo elevada à categoria de município de Coremas, através de Lei Estadual no dia 4 de abril de 1954. Se localiza no Sertão, vizinho dos municípios de Pedra Branca, Cajazeirinhas, Piancó e Pombal.



Foto: Divulgação

Foto: Shirley Helano



A capela de Santa Terezinha conta a história da cidade, bem como a Igreja Matriz, construída em homenagem a Santa Rita de Cássia e o famoso pôr-do-sol, uma das paisagens mais apreciadas por visitantes

Foto: Francisco França

O Coremas, um dos mais importantes reservatórios de água do estado da Paraíba



A barragem de Mãe D'Água revela a força da natureza e também é um ponto de visita muito conhecido no município



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Atriz da Paraíba estreia em Hollywood com filme de terror

Depois de atuar na telenovela 'Haja Coração', Isadora Cruz participa de longa sobre experimentos psicológicos em uma mansão mal-assombrada

Cairé Andrade
caireandrade@epc.pb.gov.br

A jovem paraibana Isadora Cruz está alcançando voos cada vez mais altos de João Pessoa para o mundo. A atriz de 22 anos, que interpretou Cris em *Haja Coração*, novela da Rede Globo, estreia agora em Hollywood com o longa-metragem de terror psicológico *The Hatter*.

Isadora ainda contracenou com Michael Berryman, ator da série *Jornada nas Estrelas* e do filme *Um Estranho no Ninho*, vencedor do Oscar de Melhor Filme em 1976. *The Hatter* foi filmado na icônica The Howey Mansion, na Flórida, mansão histórica dos anos 1920, e tem previsão de estreia no primeiro semestre nos EUA.

No filme, a paraibana interpreta Chelsey, uma estudante de Psicologia que busca se conectar com o espírito do pai na mansão mal-assombrada como um experimento, juntamente com os colegas de curso, a convite de um professor, que oferece créditos extras aos participantes para que eles analisem as atividades paranormais da residência e de qual forma os acontecimentos afetam os aspectos psicológicos das pessoas.

"Chelsey é uma personagem destemida e atrevida que vai atrás de descobrir se existe realmente essa conexão espiritual porque o pai foi diagnosticado com câncer terminal e esta é sua única esperança de continuar em contato com ele", adianta Isadora Cruz, em entrevista ao jornal *A União*.

Este é o primeiro grande projeto da atriz, que revela ter recebido a informação em cima da hora para a realização do teste. "Eles abriram *casting* em Orlando, já estavam desesperados atrás de uma atriz que se encaixasse na Chelsey. Na época, eu morava em Miami e minha agente me ligou às 7h para fazer o teste às 15h. Fui decorando o texto no carro, fiz o teste e passei", comenta.

The Hatter é dirigido por Catherine Devaney, que também dirigiu a série *50 States of Fear* e fez a direção de arte de filmes como *Doutor Estranho*, *Whiplash - Em Busca da Perfeição* e *Homens de Preto 3*. A experiência de Isadora com a equipe foi, sem dúvidas, um marco em sua carreira. "Eu via que realmente podia confiar naqueles profissionais que sabiam muito bem o que estavam fazendo. Foi bastante desafiador, principalmente em relação às gravações

noturnas, que nunca havia feito antes. Gravamos por duas semanas, entre as 19h e 7h, e o organismo fica inteiramente desajustado. Mas foi uma experiência que me fez crescer muito por aprender a lidar com essas circunstâncias e eu me sinto muito grata. A partir disso, tive a certeza do que queria realmente continuar fazendo", aponta.

Conquistar esse papel traz, para Isadora Cruz, uma confirmação de sua fé no trabalho. "Em nenhum momento eu pensei que ir para os EUA fazer filme seria impossível, nunca tive esse pensamento e acho que foi por isso as coisas foram acontecendo, trazendo confiança de que não era algo tão distante. Se você souber o que quer, se confiar em si mesma, as oportunidades vêm".

Fã de filmes de terror psicológico como *O Iluminado* (1980) e *Corra!* (2017), ela adianta ser medrosa principalmente em relação a produções que envolvem espíritos. "Acho que atrai energia negativa", argumenta. "Mas gravar terror é diferente, porque você vê os efeitos especiais sendo montados na maquiagem. Fiquei impressionada vendo os artistas de efeitos trabalhando. Aquilo é uma maestria, uma obra de arte. Eles são bastante detalhistas", observa.

Estreitamente conectada com os aspectos energéticos e espirituais, Isadora reforça a importância de retorno ao hotel após os turnos de gravação, quando buscava meditar e relaxar para se preparar para o dia seguinte de trabalho. "Foi muito desafiador fazer os momentos de sofrimento, de gritos, choro e medo. Você entra naquele momento e isso drena muito suas energias. Quando tinha cenas assim, eu voltava para o hotel e ia meditar, não conseguia nem abrir o celular, não tinha energia emocional para entrar em outro espaço. Deitava na cama e tentava meditar para sair daquele estado emocional. Querendo ou não, você abre o campo energético e absorve tudo aquilo que a personagem está sentindo. Tinha que fazer um trabalho para me acalmar e voltar para o meu estado para que pudesse trabalhar normalmente no dia seguinte", explica.

Os planos de Isadora Cruz agora são de investir na carreira em Los Angeles, onde está agenciada. "Estou também fazendo uma preparação de *coaching* virtual pela Globo com a maravilhosa Cris Moura. Estamos trabalhando em um texto em inglês no momento porque há esse investimento em séries da emissora. Vamos ver no que vai dar", aposta. "2021 promete".



Foto: Divulgação

Em *'The Hatter'*, que ainda não tem previsão de estreia no Brasil, a artista paraibana interpreta uma estudante de Psicologia que busca se conectar com o espírito do pai em um experimento



"Hoje em dia há uma maior valorização do formato televisivo que se assemelha ao cinema"

Além das telonas, Isadora Cruz é familiar da televisão. Integrando o elenco de *Haja Coração*, ela destaca as principais diferenças entre as duas linguagens do audiovisual. "Na novela, a gente recebe o roteiro de

acordo com o desenrolar da história, mas no filme já está tudo definido com a produção antes de iniciadas as filmagens. Aconteceu, nos primeiros dias de filmagem, de gravar uma cena final do filme, por exemplo. A

novela é mais cotidiana, você consegue desenvolver o personagem em mais momentos, em nuances diferentes. No cinema, ao receber o *script* inteiro com antecedência, a gente tem que criar uma paleta do que será mostrado ali, qual vai ser o arco da personagem do começo ao fim", compara.

Os dois formatos são enriquecedores para a atriz. "A novela tem muito do sentimento da surpresa, de estar caminhando em um território desconhecido. Você vai degustando a cada semana o que é dado para você e tentando fazer o seu melhor com o que tiver no momento".

O cinema, por outro lado, "é como um território mais seguro, você já tem as cartas na manga", defende Isadora. "Se você sabe que vai ter determinada cena no terceiro dia de filmagens, a partir do primeiro você já começa a agir de forma que aquilo faça sentido, uma conexão com um tipo de olhar, de gesto, algum pensamento". As duas diferentes linguagens são plataformas de aprendizado para a paraibana. "Os olhos, para mim, são os elementos mais importantes no audiovisual. Se você não estiver sentindo aquilo verdadeiramente, as pessoas sentem pelo seu olhar".

Isadora analisa ainda a evolução das novelas brasileiras e das séries, elemento mais novo que vem crescendo em número e em qualidade pelo país. "A atuação antiga de novela era algo mais caricato, mais exagerado, que não se aproximava com o real. Hoje em dia há uma maior valorização do formato televisivo que se assemelha ao cinema, algo mais sentido verdadeiramente", conclui.

Foto: Divulgação



Para a atriz, fazer novela tem muito do sentimento da surpresa: já o cinema é um território mais seguro

A China e a nova ordem mundial

Estou entre aqueles que acreditam que o mundo está passando por profundas transformações e que é preciso elaborar novas formas de entendê-lo.

A pandemia do coronavírus impôs grandes questões à humanidade e revelou a incapacidade da maioria dos governos em lidar com a crise de saúde e as misérias do capitalismo. Os EUA, que desde as últimas décadas dão sinais de enfraquecimento, parecem realmente caminhar para o declínio. A invasão do Capitólio é apenas uma expressão dessa decadência.

Veremos nas próximas décadas a consolidação do poder chinês. A China anunciou no ano passado a erradicação da extrema pobreza. A expectativa mais otimista é que em 2028 se torne a primeira economia do mundo. Ela que já atingiu a vanguarda em vários ramos produtivos, como a área das telecomunicações, vem adotando uma produção mais sustentável e a redistribuição de riquezas. Atualmente, 60% dos ônibus chineses são movidos a energia limpa e a malha ferroviária de trens rápidos é três vezes maior do que a do resto do mundo.

Recentemente, a China assinou o maior contrato comercial do planeta, envolvendo países da Oceania e da Ásia. Estima-se que o acordo atinja 30% do PIB mundial. O país também é uma potência militar. Em 2019, o setor recebeu o maior investimento da década. Um projeto audacioso, em curso, visa modernizar e igualar a capacidade bélica do país a dos EUA até 2027.

Há uma diferença importante entre China e EUA: o modelo político-econômico chinês está baseado numa sofisticada planificação que não abre mão da geração de valor por meio do mercado. O Partido Comunista Chinês, com mais de 90 milhões de filiados, goza de grande estabilidade e liderança. Além disso, as principais empresas são estatais. A burguesia não é a classe dominante. O que faz da China um adversário muito difícil de ser batido pelas potências ocidentais.

Na China, praticamente não há crises econômicas. No socialismo de mercado, o sistema financeiro é estatal e a conta de capitais é fechada – o que impede os ataques especulativos que economias como a nossa costumam sofrer. Aproximadamente 2 milhões de especialistas, entre eles economistas, engenheiros

de projeto e sociólogos, trabalham no planejamento estatal para elaborar a política de desenvolvimento.

Outro fator preponderante é que os movimentos geopolíticos da China têm um caráter de integração, visam estabelecer laços de cooperação político-econômica com outros países sem assumir uma postura imperialista. A política externa chinesa está baseada na ideia de “comunidade de destino comum”. Uma política internacionalista que vê a “humanidade como fim”, compreendendo que todos nós compartilhamos o mesmo planeta, que coloca a paz e a prosperidade como metas universais.

Durante a escrita deste artigo, conversei com o economista e professor da UERN, Thiago Geovane Pereira Gomes, sobre a disputa entre a China e os EUA. Conversamos um pouco sobre macroeconomia e os possíveis cenários futuros. Perguntei se acreditava que a economia chinesa vai ultrapassar a dos EUA. Ele me disse que “irá superar. A previsão do FMI é que isso ocorra até 2035. Vou pegar emprestada a expressão que o professor Elias Jabbour (UERJ) usa para se referir ao modelo chinês, isto é, A Nova Economia do Projetamento. Ela permite o estabelecimento de metas para o governo com uma eficiência inigualável.”

A imensa capacidade de planejamento seria o grande trunfo dos chineses nessa disputa. O professor Thiago também enfatizou outros pontos importantes: “Na China há um forte investimento em infraestrutura, em educação básica, em ciência, entre outros fatores que contribuem para o aumento da produtividade.”

Ele ainda destaca: “o investimento do governo em inteligência artificial”. E como isso se reflete: “na incrível capacidade do governo em continuar a execução de políticas públicas.” Peguemos como exemplo o Brasil, diz: “ainda existem obras da Copa do mundo que não foram finalizadas. Na China, os planos quinquenais permitem essa continuidade. A China usou mais cimento em três anos do que os EUA em um século.”

Para finalizar, ele aponta, “a assinatura do maior acordo comercial do mundo (com países asiáticos) e a criação da nova rota da Seda que expõem a estratégia de política externa multilateral, diferente da postura dos EUA nos últimos tempos.” O que tudo indica: o século 21 será chinês.

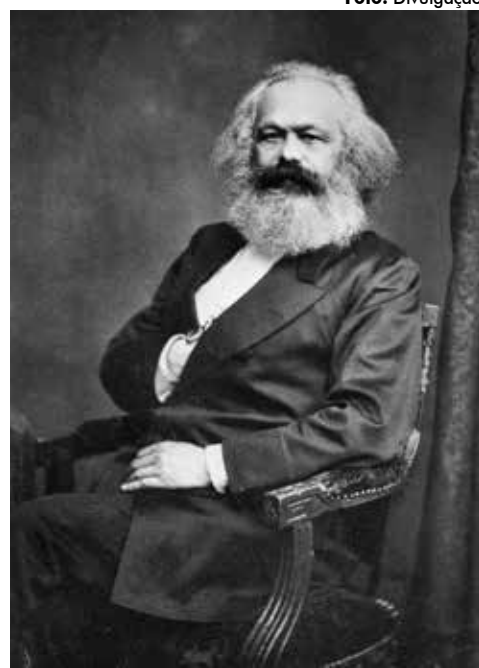
Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A identidade destruída

A alienação é a falta de consciência própria, isso destrói a vitalidade de existir. Na alienação, o cidadão torna-se estranho a si mesmo e não possui senso crítico. A perda da conexão com a realidade faz com que o frágil cidadão não compreenda as forças perversas que atuam no contexto social. Essas forças criam a ilusão da realidade e destrói a percepção da própria personalidade e convivência social. Nas relações sociais, a alienação se caracteriza através do isolamento dos cidadãos ou dos grupos e não existem contribuições para a construção da harmonia social.

O filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1830) criou o conceito de alienação. Ele afirmou que a alienação é uma característica da natureza humana e se dá por meio da produção de coisas para expressar-se em objetos, produtos culturais ou instituições sociais. Nesse contexto, em 1867, o filósofo, sociólogo, historiador, economista, jornalista alemão Karl Marx (1818-1883) escreveu o livro *O Capital* (1867). Nessa obra, ele criticou a sociedade industrial em seu modo de produção e sua tendência ao criar uma forma de trabalho que explorou e desumanizou o trabalhador. O trabalho alienado surge a partir do momento em que o trabalhador perde a posse dos meios de produção e passa a ser compreendido como parte da linha de produção, assim como as máquinas e ferramentas. Nesse sistema, o trabalhador assume a única função que é de gerar o lucro e tem como princípio a exploração desse trabalhador, e tudo que ele produz é apropriado de forma indevida pelo explorador, portanto, é uma alienação socioeconômica que cria uma identidade destruída, a fim de manter o controle social. No contexto dessa alienação, Karl Marx escreveu no livro *Manuscritos econômico-filosóficos* (1844) o que segue: “Primeiramente, o trabalho alienado se apresenta como algo externo ao trabalhador, algo que não faz parte de sua personalidade. Assim, o trabalhador não se realiza em seu trabalho, mas nega-se a si mesmo. Permanece no local de trabalho com uma sensação de sofrimento em vez de bem-estar, com um sentimento de blo-



Filósofo, sociólogo, economista alemão Karl Marx

queio de suas energias físicas e mentais que provoca cansaço físico e depressão. (...) Seu trabalho não é voluntário, mas imposto e forçado. (...) Afinal, o trabalho alienado é um trabalho de sacrifício, e mortificação. É um trabalho que não pertence ao trabalhador; mas, a outra pessoa que dirige a produção.”

O músico e escritor brasileiro Francisco Buarque de Hollanda (1944) escreveu o poema *Construção*, que trata de uma crítica social e descreve a história de um trabalhador que foi vítima fatal de acidente de trabalho:

Amou daquela vez como se fosse a última / Beijou sua mulher como se fosse a última / E cada filho seu como se fosse o único / E atravessou a rua com seu passo tímido

Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro paredes sólidas / Tijolo com tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima

Sentou pra descansar como se fosse sábado / Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe / Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago / Dançou e gargalhou como se ouvisse música

E tropeçou no céu como se fosse um bêbado / E flutuou no ar como se fosse

um pássaro / E se acabou no chão feito um pacote flácido / Agonizou no meio do passeio público / Morreu na contramão, atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último / Beijou sua mulher como se fosse a única / E cada filho seu como se fosse o pródigo / E atravessou a rua com seu passo bêbado

Subiu a construção como se fosse sólido / Ergueu no patamar quatro paredes mágicas / Tijolo com tijolo num desenho lógico / Seus olhos embotados de cimento e tráfego

Sentou pra descansar como se fosse um príncipe / Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo / Bebeu e soluçou como se fosse máquina / Dançou e gargalhou como se fosse o próximo

E tropeçou no céu como se ouvisse música / E flutuou no ar como se fosse sábado / E se acabou no chão feito um pacote tímido / Agonizou no meio do passeio náufrago / Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina / Beijou sua mulher como se fosse lógico / Ergueu no patamar quatro paredes flácidas / Sentou pra descansar como se fosse um pássaro / E flutuou no ar como se fosse um príncipe / E se acabou no chão feito um pacote bêbado / Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir / A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir / Por me deixar respirar, por me deixar existir / Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir / Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir / Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair / Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir / E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir / E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir / Deus lhe pague

■ Sinta-se convidado para a audição do CCCII Domingo Sinfônico, na rádio tabajara FM 105.5, deste dia 17, das 22h às 0h. Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer os músicos italianos Muzio Clementi (1752-1832) e Antonio Salieri (1750-1825).

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Ode ao Pandeiro

Não me furto a arriscar algumas possíveis considerações (aliás, não furto, nem me furto a nada), que faço parte deste contexto, a propósito de uma ida a cidade – na Música Urbana, de meu amigo Robério, e reencontrar o centro e não mais a estátua de Jackson do Pandeiro, num mero recanto da Praça Barão do Rio Branco. Sacanagem.

Será uma lembrança “paisagística”, minha, apenas minha, o rei do ritmo ter sido atacado por vândalos e a prefeitura não mandou consertar. Deveria ter mandando fazer outra, dessa vez de bronze. Jackson merece. Já que não fizeram, porque agora o prefeito Cicero Lucena, não manda consertar esse erro e trazer a estátua para a calçada da praia? Jackson mexe com as cadeiras da mulatas que passeiam pelo mar.

Por um lado, a imagem dele obviamente passa pelo dado geográfico universal, afinal de contas, a força desse artista nos colocou nas vitrines do Brasil e do mundo, assim como Noel Rosa, que nunca foi esquecido. Sim, a estátua de Noel Rosa, em Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro foi alvo de vandalismo, também, mas lá a batida do bumbo é outra. Na época, foram roubados o garçom e o braço de poeta. Ora vejamos, os bandidos do Rio roubam até o bronze, para mostrar que não sacam o samba de Noel.

Já está de novo no seu lugar, feita de fibra de vidro. Não custa fazer o mesmo com a de Jackson. Na última terça-feira (dia 11), voltei a cidade para buscar Egberto Gismonti e o ‘Trem Caipira’ de Villa-Lobos, e Leonard Cohen – ‘Death Of A Ladies’man’ e lá estava a lapide de Jackson – nada da estátua. São significativas demais as de estátuas de Jobim, Clarice Lispector, Ary Barroso e Drummond no visual do Rio, alimentando o imaginário criativo cultural, que é natural.

Não há como abstrair esse cena ridícula, o fato de se tratar de um contexto marcado pela falta de políticas culturais, sempre e efêteras para as artes de rua e toda ela, bem como a presença valiosa – jamais nula – de um artista no tamanho de Jackson.

Específico para arte brasileira Jackson do Pandeiro vai além do contemporâneo, especialmente por essas bandas onde novas gerações não sabem da existência de seu trabalho.

O centro da cidade está agonizando, desorganizado, há muito tempo, um lugar tão bonito que foi sendo deixado para trás pelas administrações públicas. Prédios antigos em ruínas, muros pichados ou casas cujas portas e janelas estão com tijolos crus, tapando a história.

Há poucos dias vi aqui na capa de **A União** uma imagem de vândalos pichando a Igreja de São Pedro, no Varadouro. Essas pessoas deveriam estar presas.

Assim vou ficando cada dia mais triste em ver o centro da cidade abandonado. Tem-se uma esperança ativa e articulada, com a produção da gestão do prefeito Cicero Lucena, para que João Pessoa não seja apenas a orla, mas todo mapa que nos guia.

O Itinerário Lírico de João Pessoa de Jomard Moraes deveria ser uma cartilha das escolas. O alto nível da sua poesia, um clássico a conquistar visibilidade à altura de seu potencial como poeta, para além do âmbito central.

Nesta coisa em que mexe com a consciência, a pulsão criativa e espírito mobilizador por parte dos artistas, eu chamo o feito a ordem, mais do que nunca, sobretudo o contexto do Pandeiro de Jackson, passando por um painel de Flávio Tavares completamente pichado na parede da antiga prefeitura da cidade baixa. Que baixaria.

Que meu texto se instale na mudança desse atraso, coisas em que a meu ver a paisagem/entorno da beleza da Lagoa, antigo cartão-postal, a Praça do Bispo, as igrejas que se afiguram entre outros espaços que ainda estão de pé e permanecem.

Ainda que de um modo oblíquo, a um só tempo uma forma de falar do centro da cidade como um lugar digno e respeitado.

Te cuida, João Pessoa!

Kapetadas

1 - O tempo vai passando e a gente vai ficando passado.

2 - Clara se encontra com Gema e diz olá Gema você por aqui, mas este mundo é um ovo mesmo.

3 - Som na Caixa: “Aqui tudo parece / Que era ainda construção / E já é ruína”, Caetano Veloso.

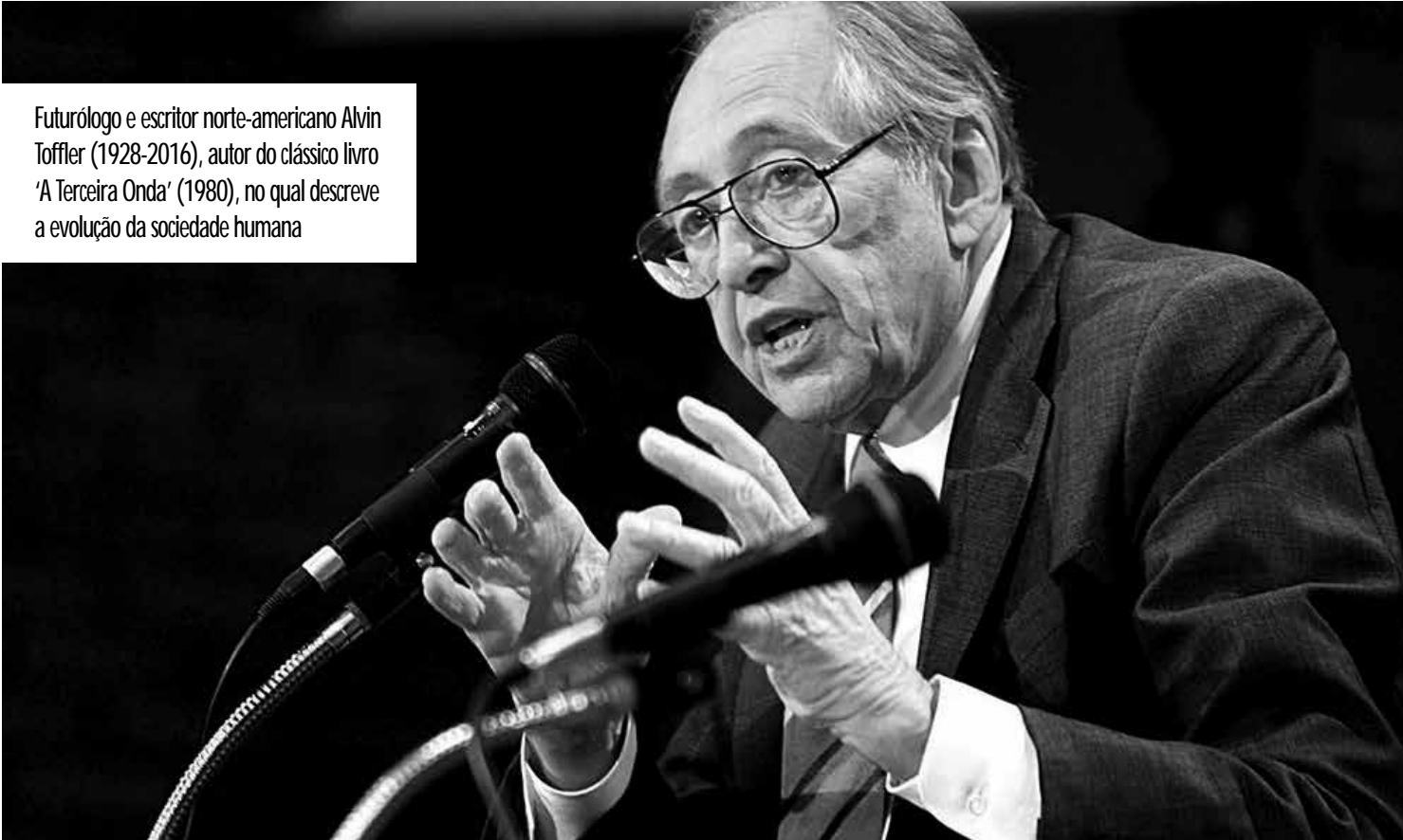
Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Futurólogo e escritor norte-americano Alvin Toffler (1928-2016), autor do clássico livro 'A Terceira Onda' (1980), no qual descreve a evolução da sociedade humana

Foto: Divulgação



O cinema e as "ondas" previstas por Toffler

Desde muito cedo, que me lembre, e antes mesmo de estar enfiado para cursar o Direito na UFPB, ainda na antiga Faculdade de Direito da Praça João Pessoa, tive como parâmetro de avaliação das coisas a História. Ainda acredito que, independentemente de outras teses de vida, vejo nas memórias escritas (ou não) um referencial influente em que se possa aquilatar as coisas do presente.

Já na década de 1980, com a publicação de *A Terceira Onda*, o futurólogo e escritor norte-americano Alvin Toffler incutiu em mim uma expectativa de conhecimento que carrego até os dias de hoje. De que os povos do mundo todo passariam por uma revolução social, política e econômica significativa. E mencionava uma espécie de três fazes distintas na transformação cultural da humanidade: a econômica (primitivamente conhecida pelo "escambo", na qual as pessoas trocavam mercadorias para suas necessidades especiais), a tão valorizada Revolução

Industrial, com advento da máquina e, finalmente, esta que atualmente vivemos, que a história deveras reconhece em Toffler como da "revolução digital, a revolução das comunicações e a singularidade tecnológica."

Uma singularidade que agora entendo ser do nosso próprio status quo, adeptos que nos tornamos das inovações tecnológicas. E que diz respeito ao confinamento das pessoas em suas próprias casas, mesmo sem deixarem de trabalhar comunitariamente, graças à digitalização dos meios de informação.

Mas o que isso tudo tem a ver com o cinema? Será que podemos esboçar uma agenda nesse sentido, para a trajetória da Sétima Arte? Diria que sim! Isso, se levarmos em conta as três fazes ("ondas") importantes da História do Cinema: a fase primitiva, então representada pelo início da imagem móvel ("cinema mudo"), cuja participação da fotografia foi fundamental; o advento do som, com o "cinema fa-

lado", e da cor, tudo entre o final dos anos 1920 e a década de 50; e o momento atual, com a digitalização da cena móvel, essa agora assistida em home cinema. E não só por questões de confinamento sanitário, não, mas por uma previsão também do futurólogo Alvin Toffler...

Quem sabe se, metaforicamente, não podemos aditar a natividade norte-americana do próprio Toffler, que diria coincidente ao filme *O Cantor de Jazz* (1928), considerada a primeira película falada da História do Cinema?

Em razão de tudo, portanto, busquemos a nossa própria *mise-en-scène*. E sobre a questão das veleidades do conhecimento humano, encerraria com uma das sentenças do próprio Alvin Toffler, quando afirma:

"Os analfabetos do próximo século (21) não são aqueles que não sabem ler ou escrever, mas aqueles que se recusam a aprender, reaprender e voltar a aprender." – Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexasantos.com.br.



Proposta de cinema ao Teatro Alfenim

A presidência da Academia Paraibana de Cinema (APC) iniciou acertos com a direção do Teatro Alfenim, no bairro do Castelo Branco, em João Pessoa, para que a entidade teatral possa ser acessível a outras formas de artes, inclusive o cinema. Uma das propostas da atriz Zezita Matos é a da possível instalação, na sede da entidade, de equipamento cinematográfico de projeção em 35mm.

A informação é do prof. João de Lima, integrante da diretoria da APC, que disse ainda, logo sendo liberados os protocolos sanitários de acesso à sala e instalado o equipamento de cinema, o espaço propiciará uma nova atividade cultural, que deve envolver a UFPB e órgãos parceiros da cultura audiovisual, também com a finalidade acadêmica.

"Dancing with the Devil"

Vida de Demi Lovato ganha documentário

Agência Estado

Demi Lovato decidiu contar todos os dramas que viveu no tempo em que era usuária de drogas no documentário *Dancing with the Devil*. A trama terá transmissão pelo YouTube, em março.

"Há muito que eu queria dizer, mas sabia que tinha que dizer certo. *Demi Lovato: Dancing with the Devil* será transmitido gratuitamente no YouTube, a partir de 23 de março", escreveu a artista na legenda da foto que publicou no Instagram.

No final de julho de 2018, Demi sofreu uma overdose e ficou internada por 10 dias num hospital. De acordo com o site *TMZ*, à época, a causa da overdose teria sido o uso de oxicodona com outro opiáceo, fentanil, a mesma



Foto: Instagram

Segundo artista nas redes sociais, 'Dancing with the Devil' terá transmissão via YouTube, a partir de 23 de março

droga que matou Prince e Lil Peep. Ainda segundo a publicação, a cantora não sabia da mistura ao receber o pacote de seu traficante.

Após receber alta do hospital, já no começo de agosto daquele ano, Demi Lo-

vato se internou em uma clínica de reabilitação. A cantora já tinha histórico com uso de drogas antes da internação.

No Instagram, ela agradeceu o apoio que sempre recebeu dos entes queridos. "Obrigado à minha família,

amigos e fãs por permanecerem ao meu lado ao longo dos anos enquanto eu aprendo e cresço. Estou muito animada para finalmente compartilhar com vocês esta história que guardei nos últimos dois anos", concluiu.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

À toa pelos sebos

101 experiências de filosofia cotidiana, do filósofo francês Roger-Polt Droit, me parece um pequeno manual, pelo avesso, do bem viver as ocorrências e ofertas do dia a dia. Uma espécie curiosa de tratado das pequenas banalidades que, se vistas com a sabedoria enviesada do muito riso e pouco siso, podem, quem sabe, driblar, em nós, a marca ancestral do tédio e da melancolia.

São muitas as dicas lúdicas, dotadas de uma ética oblíqua e surpreendente, que o autor sugere num tom que alia o sarcasmo e a ironia a certo ceticismo de origem cínica, porém, não indiferente a certa compaixão para com as criaturas humanas.

Escutar sua própria voz gravada; dizer a uma desconhecida o quanto ela é bonita; brincar com uma criança; reencontrar um brinquedo da infância; decorar um cômodo; imobilizar o efêmero; deitar na rede; considerar que a humanidade é um erro, caminhar em uma floresta imaginária; ir ao cabelereiro; acreditar na existência de um cheiro; descascar maçãs em pensamento, e tantos outros afazeres, constituem alguns dos imperativos que mobilizam o raciocínio do autor.

Destaco o Andar à toa pelos sebos, para refletir um pouco.

Segundo o ensaísta, a duração deve ser de duas a três horas; o material, claro, diversos livros, e o efeito, de caráter divagador.

Exige-se também que não se faça planejamento algum. Que tudo aconteça de maneira espontânea, mais ao sabor do acaso do que da necessidade. Também não importa a cidade, nem o país, nem a natureza da livraria. Conta, sim, a multiplicidade dos livros que se encontram à disposição do leitor, esta estranha espécie de *voyeur* dos destinos alheios, dos dramas imaginários e dos personagens mais bizarros, heróis e anti-heróis que podem nos acompanhar pela vida inteira.

Entendo que andar à toa pelos sebos, pelo menos como propõe Roger-Polt Droit, implica numa relação de intimidade que se vive instantaneamente com os livros, a partir de um encontro a que não falta um toque de erotismo e encantamento. Os livros são como as pessoas: podem ser tocados, acariciados, cheirados, cuidados, amados, odiados, enfim usufruídos, como tudo, para o bem ou para o mal.

O filósofo traz à cena a diversidade dos livros e a dificuldade de escolha que o leitor vivencia diante de tantos volumes que parecem sussurrar convites para um conluio amoroso. Às vezes muito rápido, sem quaisquer consequências, a não ser a leve sensação de um volúvel prazer; às vezes duradouro, com o estranho selo das coisas que permanecem.

"Venha, querido, me toque aqui. Tenho uma deliciosa história para lhe contar"; Por que você não me leva agora para a sua casa e me instala, definitivamente, em sua mesa de cabeceira? Pelas minhas páginas você fará viagens fantásticas"; "Leia-me todo, por dentro e por fora, começo, meio e fim, você certamente ficará feliz com o meu final inesperado"; "Venha, curta cada poema que lhe ofereço. A poesia salva"; "Não dá para viver sem literatura. Então divida comigo o resto de seus dias. Estarei sempre pronto para lhe dar prazer e para ativar o pivô de sua fantasia. Eu o escreverei. Você também poderá me escrever".

E a assim por diante, os livros falam a esse leitor a esmo, suplicam sua atenção e seus cuidados, oferecendo-se como essas insuspeitas mulheres da vida que nos olham, cumplices, na rua, e nos convidam maliciosamente para um ato de amor.

A propósito, não é outra a conclusão a que chega o filósofo francês enquanto efeito natural de sua pertinente divagação. Passo-lhe a palavra, e, veja, caro leitor, se o que ele afirma possui ou não alguma lógica. Diz ele, nesse delicioso capítulo:

(...) a literatura é prostituição, pelo menos em um sentido. Cada história impressa é uma prostituta que tenta se destacar, captar o espírito que passa, prolongar-se em uma atenção recebida. O conjunto das artes é também assim: as obras sussurram todas as obscenidades com voz baixa, e o olhar passa, deslizando, de uma a outra".

Será?

São Paulo joga pressionado contra o Athletico no Paraná

Internacional e Atlético Mineiro também têm jogos importantes neste domingo na caça ao líder do Brasileirão

Geraldo Varela
gvarela1jp@epc.pb.gov.br

A rodada deste domingo não tem somente o drama do Botafogo carioca que luta desesperadamente por uma reação para evitar o seu terceiro rebaixamento, já que caiu nos anos de 2002 e 2014, mas sim outros jogos ainda mais importantes no topo da tabela já que estarão em campo o líder São Paulo, o vice-líder Internacional e o terceiro colocado Atlético Mineiro. Gaúchos e mineiros seguem na cola do Tricolor paulista na briga pelo título, além de Flamengo que só joga amanhã, às 20h, diante do Goiás, no estádio Serrinha.

O líder São Paulo vai jogar fora de casa e vem de duas derrotas seguidas, pressionado depois de estar sete pontos de vantagem sobre o segundo colocado. Agora são somente três pontos (56 a 53). O Tricolor joga na Arena da Baixada a partir das 16 horas.

O técnico Fernando Diniz sabe que não pode mais perder pontos diante da ameaça de aproximação maior dos adversários. Já o Internacional que vem de uma reação excelente sob o comando de Abel Braga vai jogar em casa diante do Fortaleza, adversário bastante oscilante na disputa. O jogo será às 20h30, no Beira Rio.

O Atlético Mineiro, que chegou a ser apontado no início da disputa como grande favorito ao título, demonstra neste momento da competição muita instabilidade. Joga em casa, no Mineirão, mais cedo, às 18h15, diante do Atlético de Goiás que ocupa a décima segunda posição na tabela.

Botafogo

Com apenas 23 pontos em 29 jogos, o Botafogo vive um grande drama nessa reta final do Campeonato Brasileiro pelo fato de estar na zona de rebaixamento - é o 19º colocado - e vindo de três derrotas seguidas. A sua última vitória, das quatro conquistadas, foi no dia 19 de dezembro do ano passado, quando venceu o Coritiba fora de casa por 2 a 1. Hoje, o Alvinegro terá uma parada ainda mais dura diante do Santos, às 16 horas, no Estádio da Vila Belmiro.

De acordo com o site chancedegol.com.br as probabilidades de queda para a Série B são de 99,5%, um índice muito alto faltando apenas nove jogos para a conclusão de sua participação. O time tem nove pontos a menos do que o Fortaleza, primeira equipe fora da zona de rebaixamento. O complemento da rodada ainda terá jogo entre Ceará e Bragantino, às 20h30, no estádio Castelão. Amanhã será vez a vez do Flamengo tentar estancar a crise diante do Goiás. Bahia x Corinthians que também estava programado para esta rodada foi adiado para o dia 28 deste mês. O confronto acontecerá na Arena da Fonte Nova, em Salvador, a partir das 19 horas.



Foto: Vitor Silva/Botafogo

Jogadores do Botafogo treinam ao lado do estádio Engenheiro visando mais uma decisão no Brasileiro contra o Santos, na Vila Belmiro

JOGOS DE HOJE

- **Série A**
- 16h
- Santos x Botafogo
- Athletico-PR x São Paulo
- 18h15
- Atlético-MG x Atlético-GO
- 20h30
- Internacional x Fortaleza
- Ceará x Bragantino
- **Série B**
- 16h
- Ponte Preta x Náutico
- Vitória x Chapecoense
- **Série C**
- 18h
- Santa Cruz x Brusque
- Ituano x Vila Nova
- **Série D**
- 16h
- Mirassol x Altos
- **Série A**
- Segunda-feira
- 20h
- Goiás x Flamengo

Botafogo aposta no bom e barato para ter sucesso nas competições deste ano

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

O Botafogo está passando por uma séria crise financeira e por isso, a atual diretoria teve de fazer uma reestruturação no elenco, perdendo alguns bons jogadores. A política para 2021 é a velha do bom e barato, um desafio de conseguir qualidade com pouco investimento. Amanhã, chega o novo treinador, Marcelo Vilar, que está afinado com a situação do clube, e com ele desembarcam também os primeiros jogadores con-

tratados. Os nomes estão sendo mantidos em sigilo, até a assinatura do contrato, mas já se sabe que alguns atletas vão vir do Ferroviário, ou de outras equipes treinadas pelo novo comandante do Belo.

Fora estes novatos, a diretoria do Botafogo tratou de conservar uma base, com atletas que já faziam parte do elenco no ano passado. Já são 7 jogadores que confirmaram a participação no grupo desta temporada. Fred, Cesinha, Jean, Rogério, Juninho, Marcos Aurélio e Yanno.

O zagueiro Fred vem de uma cirurgia no joelho e vai para a quarta temporada vestindo a camisa do Belo. O volante Rogério está na mesma situação, após se recuperar também de uma cirurgia no joelho.

O meia Juninho já vai para a quinta temporada no Belo. É um jogador muito querido pela torcida, por causa de sua entrega dentro de campo. É um atleta polivalente que se não é brilhante tecnicamente, marca muito bem e sabe sair jogando fazendo a ligação da defesa para o ataque. Outro que renovou foi o zagueiro

prata da casa, Yano. Ele subiu para o time profissional no ano passado e chegou a ser relacionado algumas vezes. Agora, mais experiente, vai tentar lutar por uma vaga no time titular.

Por último, temos a presença do maestro da equipe, o meia Marcos Aurélio. Com a idade bastante avançada, ele já não tem a mesma desenvoltura de alguns anos, mas ainda é um atleta de nível técnico alto, costuma deixar os atacantes com chances de gol e perfeito nas bolas paradas. Ele foi gigante nas temporadas de 2018 e 2019, e

no ano passado retornou à equipe a tempo de ajudar o clube a fugir do rebaixamento na Série C.

O presidente do Botafogo, Alexandre Cavalcanti, disse na última sexta-feira, que o goleiro Felipe, um dos ídolos da torcida botafoguense, está praticamente acertado para mais uma temporada no Belo. "Faltam poucos detalhes e penso que vai dar tudo certo", disse o dirigente, garantindo que fora o goleiro, o clube não está mais negociando com nenhum atleta que tenha feito parte do elenco de 2020.

Foto: Paulo Cavalcanti/Botafogo



Marcos Aurélio segue no Botafogo com outros atletas remanescentes da temporada passada e, amanhã, chegam os novos contratados como também o novo técnico, Marcelo Vilar

O curso natural da vida sob proteção

ONG Guajiru tenta localizar e preservar ninhos de tartarugas no litoral da PB, onde ciclo reprodutivo começa em dezembro e segue até maio

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

A vida na natureza precisa de um ambiente equilibrado e propício para seguir seu curso, mas, muitas vezes, o homem não colabora para que os animais possam perpetuar sua espécie. Um exemplo são as tartarugas marinhas que nascem no litoral paraibano, área que resguarda umas das poucas praias urbanas do mundo em que há registro de desova de tartarugas marinhas. Em dezembro, justamente no período de férias e maior frequência de banhistas na orla, teve início o período de desova, momento em que milhares de filhotes transitam pela areia da praia, rumo ao mar. Esse ciclo segue até maio.

Por isso, a atenção nas praias urbanas neste mês até o fim do ciclo em que ocorre a eclosão dos ovos é sempre redobrada. O alerta é da bióloga Danielle Siqueira Barreto de Oliveira, presidente da Organização Não Governamental (ONG) Guajiru. Criada em 2002, a entidade é formada por um grupo de voluntários e tem a finalidade de proteger as tartarugas urbanas do estado.

A bióloga explica que na Paraíba há nascimento de tartarugas por todo o litoral, mas grande parte dos ninhos se concentra

em Intermares, no município de Cabedelo, e no Bessa, em João Pessoa, ou seja, praias totalmente urbanizadas. Segundo Danielle, das cinco espécies de tartarugas marinhas conhecidas no Brasil, há o registro de quatro no estado.

“A grande maioria das desovas são de tartaruga de pente - *Eretmochelys imbricaria*. Mas, já encontramos ninhos de mais três espécies: tartaruga verde, tartaruga oliva e tartaruga cabeçuda. O ciclo reprodutivo

/// Muitas pessoas, quando presenciam uma desova, ficam curiosas e tentam fotografar ou filmar. Isso acaba estressando as tartarugas, que podem deixar de desovar ///

geralmente vai até maio”, contou. A única que não há registro é a tartaruga de couro, que desova no Espírito Santo.

Na temporada reprodutiva, o grupo tenta localizar o maior número de ninhos porque, caso algum passe despercebido, as chances de os filhotes morrerem é grande. Os nascimentos ocorrem geralmente à noite e, logo que saem dos ovos, os fi-

lhotes procuram o brilho da espuma do mar.

Como estão em um ambiente urbano, ficam desorientados com a iluminação artificial e uma parte perde o rumo por causa da fotopoluição, podendo morrer atropelados no asfalto. Quando encontrados, os ninhos são sinalizados e protegidos pela Guajiru. Em média, cerca de 160 ninhos são registrados por ano.

Como são animais aquáticos migratórios, as tartarugas sempre voltam às praias onde nasceram para desovar. Uma das ações humanas que prejudica essas espécies marinhas é o descarte incorreto de lixo no litoral, que comumente se intensifica no verão devido ao maior volume de pessoas no local.

De acordo com a bióloga, os objetos descartados de forma incorreta podem machucar uma fêmea que venha ao litoral paraibano para desovar. “Outro grande problema é que muitas pessoas, quando presenciam uma desova, ficam curiosas e tentam fotografar e filmar. Por muitas vezes, acabam estressando a tartaruga, que pode inclusive deixar de desovar e acabar retornando para o mar”, destacou Danielle.

Ainda há o risco de as fêmeas descartarem os ovos em locais inadequados, fazendo com que toda uma potencial ninhada se perca.

Em dezembro, começa o período de desova, momento em que milhares de filhotes transitam pela areia da praia, rumo ao mar. Esse ciclo segue até maio. Grande parte dos ninhos se concentra em Intermares, no município de Cabedelo, e no Bessa, em João Pessoa



Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Quando a música está em defesa da língua portuguesa

As declarações de Caetano Veloso (*ilustração*) na entrevista à revista “Cult” foram tão diversificadas quanto e como o seu livro publicado sete anos depois, “Verdade tropical”, o que reforça as positivas contradições entre os anárquicos “insights” de contundentes letras de sua autoria e a linearidade conceitual em seus artigos e entrevistas durante mais de quatro décadas.

Nunca deixou de ser um instigante compositor desde o primeiro disco, tanto que explícita na introdução do livro “Verdade tropical” o fato de que a música popular “é a mais eficiente arma de afirmação da língua portuguesa no mundo, tantos insuspeitados amantes tem esta conquistado por meio da magia sonora da palavra cantada à moda brasileira”.

Na época em que foram publicados, li os textos dominicais de Caetano Veloso no jornal “O Globo” e eles confirmaram sua defesa da língua portuguesa, além de consolidá-lo como um escritor à altura de sua genialidade como compo-

sitor. Entre os últimos, dois deles referiram-se, em tom descontraído, ao que classifico como “razões languageiras”. São razões que já o tinham levado bem antes a esta bela construção, que poderia ter surgido na Semana de Arte Moderna de 1922, hoje ou no ano de 2052:

“A língua é minha pátria / e eu não tenho pátria: tenho mãe / e quero fratria. / Poesia concreta e prosa caótica / ótica fritura”.

No início de “Língua” tinha alertado: “Gosto de ser e de estar / e quero me dedicar / a criar confusões de prosódias / e uma profusão de paródias / que encurtem dores / e furem cores como camaleões”.

Em “Língua”, Caetano cita alguns autores da música e da literatura brasileiras: Guimarães Rosa, Chico Buarque, Glauco Matoso e Arrigo Barnabé. De Portugal, os maiores Luís de Camões e Fernando Pessoa.

De lá, de antes, do futuro e desde sempre, o popfilósofo compositor baiano, tanto na literatura como na música, dá uma enorme contribuição para que a língua dos Josés Saramago e Lins do

Rego - entre Portugal e Brasil - jamais seja fragilizada.

Precisamos entender que a alegórica Torre de Babel foi e continua necessária para que não seja imposta a ideia de pensamento ou língua únicos.

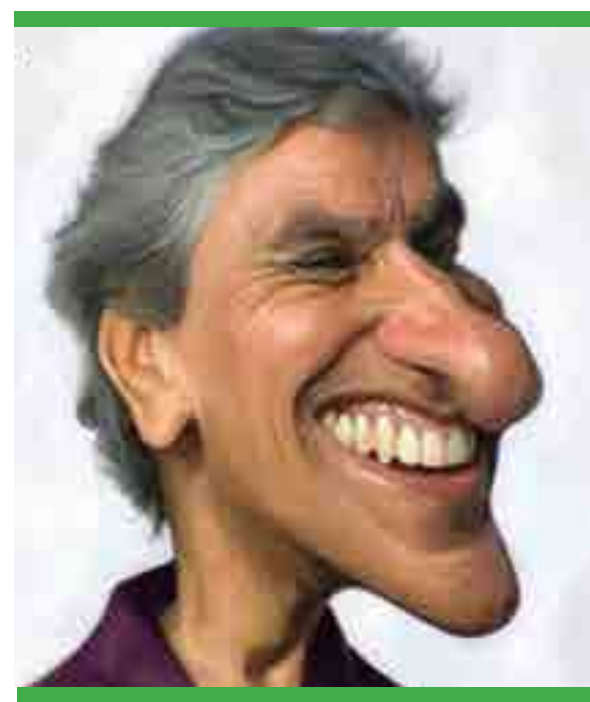
Valem mais do que centenas de teorias acadêmicas em defesa da língua portuguesa, versos isolados como:

“Eu quero aproximar o meu cantar vagabundo / daqueles que velam pela alegria do mundo / indo mais fundo, tins e bens e tais” (“Podres poderes”).

Percebe-se que não me referi aqui a “Livros”, que o autor compôs a partir de “Verdade tropical”.

Importa que escutando-se “Cê” e a sua direção para o último disco de Gal Costa a gente sabe que, com mais de 75 anos, Caetano Veloso continua com os 25 anos datados em “Alegria, alegria”.

Atenção!!!
“Diante do realismo desencantado dos comentaristas aparentemente corajosos,



prefiro continuar amando o que foi conquistado pelos modernismos e todos os seus desdobramentos. (...) E essa força, que para mim significa vida, eu a devo em grande parte aos poetas concretos”. Estas palavras são de Caetano e servem para defini-lo como sempre foi, é e será.

▶▶▶ Continuação

Oceanos recebem 25 milhões de toneladas de lixo por ano

Frequentadores das praias deixam resíduos na areia, contribuindo para a degradação do meio ambiente

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

O descarte incorreto do lixo na orla prejudica toda a vida marinha e desequilibra o meio ambiente. De acordo com a professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), engenheira química e doutora na área ambiental, Cláudia Cunha, esse mau hábito afeta tartarugas marinhas, peixes, mamíferos e até aves que ingerem partículas flutuantes (possivelmente confundidas com alimento), provocando danos no sistema digestivo das espécies.

Cláudia Cunha, que é coordenadora do projeto Mares sem Plástico, contou que durante o trabalho de monitoramento que realiza, é perceptível o aumento do volume de resíduos solos nas praias paraibanas nos últimos dois anos. Os mais comuns são os plásticos de uso único como canudos, copos descartáveis e tampinhas de bebida.

Mas outros tipos de lixo jogados nas praias de forma irresponsável chamam a atenção pela estranheza, pois deveriam estar bem longe desta área. Entre eles estão hastes flexíveis,

cabide, bob para cabelo, balão de festa, utensílios de cozinha; prendedor de roupa e até partes de eletrodomésticos.

A professora alerta que a falta de conscientização ambiental precisa ser mudada, pois os oceanos recebem 25 milhões de toneladas de lixo por ano. “É a estimativa é que o Brasil colabore com dois milhões desse total. A maior parte disso - 80% - têm origem nas cidades, e é composta de plásticos”, frisou a professora.

Segundo ela, essas partículas estão sendo ingeridas pelos animais marinhos, o que pode levar à morte dessas espécies. “As tartarugas e algumas aves são as que mais sofrem e correm sérios riscos”, salientou.

Plásticos compõem grande parte dos resíduos deixados na areia, mas há também vidros e até partes de eletrodomésticos

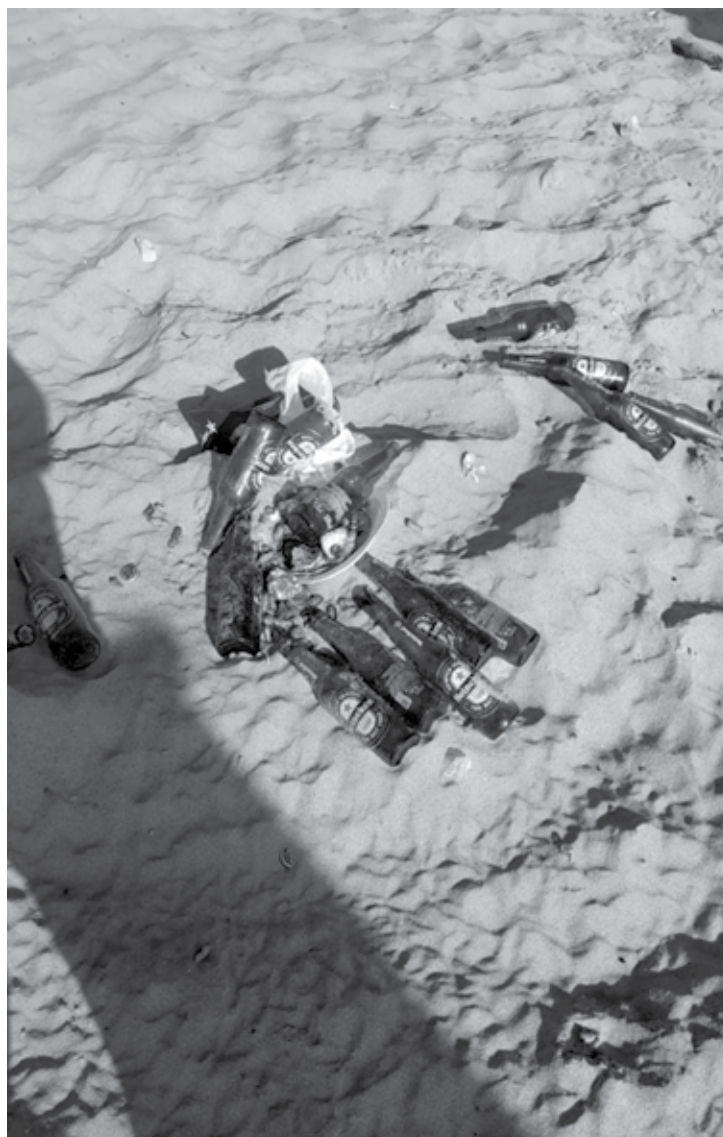


Foto: Divulgação

Somente nas praias brasileiras, dois milhões de toneladas de lixo são jogados nos mares anualmente, e essa quantidade tem aumentado gradativamente

Foto: Acervo pessoal



Cláudia alerta: jogar lixo na praia pode representar morte de animais

+ Educação ambiental

Além de monitorar o nascimento das tartarugas, a ONG Guajiru também realiza um trabalho de educação ambiental junto à população, explicando como se deve respeitar os animais marinhos. Os nascimentos das tartarugas eram anunciados nas redes sociais da entidade para serem assistidos pelas pessoas interessadas, com monitoramento dos voluntários.

Mas durante a pandemia, para evitar aglomeração, essa prática está temporariamente suspensa. Para manter a sede e equipamentos usados pelos voluntários, a ONG vende lembrancinhas aos visitantes e conta com a doação das pessoas. Quem deseja ajudar, basta entrar em contato pelo SOS da entidade, que é o (83) 99608-5226 (também é WhatsApp).

Outra opção é depositar a doação na conta do Banco do Brasil – Agência 1681-0; Conta corrente 43.382-9; CNPJ:05 117.699/0001-98.

ALGUMAS ORIENTAÇÕES PARA MANTER A SEGURANÇA DAS TARTARUGAS MARINHAS NAS PRAIAS URBANAS:

- Não transite pela areia da praia com veículos. Mesmo sendo proibida, essa prática ainda é realizada por algumas pessoas;
- Não filme ou fotografe tartarugas durante a desova. Isso pode deixar os animais estressados. O correto é se afastar;
- Não use flashes de luz de celular ou de qualquer outro equipamento na direção das tartarugas;
- Sempre descarte o lixo na praia corretamente. O mau hábito prejudica todo o meio ambiente. Os animais marinhos podem confundir os resíduos com alimentos e morrer;
- Não use redes de pesca em áreas proibidas, onde há registro de tartarugas marinhas. Muitas vezes, as tartarugas ficam presas nas redes e morrem;
- Não desmate a vegetação de restinga nas praias. Ela ajuda a reduzir a erosão marinha e colabora com os projetos de conservação ambiental.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Cordel para Bananeiras

Postei no meu Twitter: “Não positei para o Covid, e sim para o covarde. Dez meses escondido na toca, com medo da infecção”. Lógico que só quis pegar carona no joguinho de palavras. Trata-se de prevenção. Com muita delicadeza, o destino me empurrou para as serras gerais do brejo paraibano e me vejo hoje habitando provisoriamente em uma colina no espinhaço da serra da Borborema, cercado de vales profundos e estreitos onde correm os riachos Curimataú, Dantas, Picadas, Sombrio e Carubeba, dominados pelo rio Bananeiras que deságua na cachoeira do Roncador. O rio nasce em matas preservadas no campus da Universidade Federal da Paraíba. Passa-geiramente, filio-me à cidadania de Bananeiras e Solânea. Meu refúgio localiza-se entre duas comunidades.

Para preencher os dias de reclusão, gravo diariamente um programa de rádio, a “Rádio Barata”, e escrevo cordel. Meu trigésimo cordel fala da minha cidade recém adotada. “Neste livrinho pe-

queno e delicado cabe o universo e, principalmente, nosso mundo particular”, idealizei, ao lançar o “Cordel para Bananeiras”, contando a história da terra do poeta João Melquíades Ferreira, um cordelista de escola neste gênero literário, um sujeito considerado pelos estudiosos como o bardo que renovou o cordel. O cordel faz um passeio pela história desta cidade de 21 mil habitantes, situada na região do brejo paraibano, burgo que já foi o maior produtor de café do Nordeste até o começo do século vinte, o que o tornou a cidade mais rica da região, expressa ainda hoje na arquitetura dos seus oitenta casarões até agora preservados.

O seu núcleo urbano
Surgido de sesmaria
Começou em priscas eras
Quando o século nascia
Já na era dezessete
Não se sabe mês e dia
Uma facção bravaria
De arrojados pioneiros

Explorou essas colinas
E seus cenários brejeiros
Vindos lá de Mamanguape
Nobres e aventureiros
Coriolano Medeiros

Grande historiador
Garante que Bananeiras
Tem como desbravador
Mestre Domingos Vieira
Seu primeiro morador
Era dono e condutor
Da distante sesmaria
Que com Domingos Vieira
Foi precursor e seu guia
Arquitetando o arcabouço
Da vila que aqui surgia
Na gleba rica e vazia
Escolheram uma lagoa
No fundo de um verde vale
De água limpa e boa
Cercada de pacoveiras
Qual verdejante coroa
Pacoveira hoje abençoa
E dá nome a esta cidade

Se trata de uma banana
De azedia densidade
Imprópria ao consumo humano
Mas, por sua quantidade
Mostrou-se com qualidade
Para dar nome à vila
Bananeiras batizada
O povo logo assimila
Sua riqueza amplifica
O seu nome então rutila

Começa assim o “Cordel para Bananeiras”, visão retrô com fatos e pessoas que moldaram a terra do Barão de Araruna, Santos Estanislau, Aragão e Melo, Ascendino Neves, Monsenhor Pedro Anísio, Clovis e Odon Bezerra, Apolônio e Humberto Nóbrega, Solon de Lucena, Adolfo e Celso Cirne, entre outros vultos ilustres.

“Cordel para Bananeiras” na íntegra:
<https://www.recantodasletras.com.br/cordel/7153201>

Em 2019, a presidente da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, Nancy Pelosi, anunciou formalmente a abertura de um processo de impeachment de Donald Trump. Naquela época, a acusação contra Trump foi de que ele havia violado a lei por tentar utilizar um poder estrangeiro para interferir ao seu favor nas eleições presidenciais de 2020. Ele foi absolvido em fevereiro de 2020. Em 2021, o Congresso dos Estados Unidos aprovou novamente um pedido de impeachment de Trump. Dessa vez, o processo ocorre após o episódio de invasão do Capitólio e Trump é acusado de "incitar a violência contra o governo dos EUA".

Diferente da história recente brasileira, nenhum presidente estadunidense até o momento chegou a ser condenado em um processo de impeachment. Entretanto, já houve tentativas. Os presidentes Andrew Johnson e Bill Clinton – em 1868 e 1998, respectivamente – foram absolvidos no Senado, enquanto o presidente Richard Nixon renunciou ao cargo antes da votação final do processo, em 1974. Donald Trump é o primeiro presidente da história do país a ter dois processos de impeachment aprovados pela Câmara em um mesmo mandato.

Mas, então, o que pode acontecer com o mandato do presidente Trump? Para entender melhor esta história, é importante saber como funciona um impeachment nos Estados Unidos e quais os próximos episódios para Donald Trump.

O sistema

Em 1776, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Declaração de Independência. Mas a Constituição dos Estados Unidos foi declarada apenas em 1786. Além de ter sido o documento de referência para muitos países pós-colonização, a constituição dos Estados Unidos é hoje a mais antiga ainda em uso em todo o mundo. Na prática, isso significa que os Estados Unidos utilizam a mesma constituição desde sua independência.

Um dos marcos do texto da Constituição estadunidense está no sistema de check and balances (livremente traduzida como "sistema de freios e contrapesos"). Ele define a separação dos poderes Executivo, Legislativo e Judicial.

A ideia é que cada esfera de poder deve servir como um freio nas ações das outras esferas, assim nenhuma delas acumularia poder soberano sobre o sistema federal. Dessa forma, a possibilidade de impeachment é um desses mecanismos previstos na Constituição.

Vale lembrar que, similar ao caso brasileiro, o Poder Legislativo nos Estados Unidos – também chamado de Congresso – é subdividido em duas esferas: a Casa dos Representantes (equivalente à Câmara dos Deputados no Brasil) e o Senado.

Donald Trump é o primeiro presidente da história dos EUA a ter dois processos de impeachment aprovados pela Câmara



Absolvido no processo de impeachment aprovado pela Câmara em 2019, Trump é acusado agora de "incitar a violência contra o governo dos Estados Unidos" após a invasão do Capitólio

Impeachment: os próximos passos e o futuro de Trump

Entenda como funciona o processo nos EUA e o que pode ocorrer ao presidente norte-americano



Foto: Pixabay

Casa Branca, sede do governo norte-americano: Constituição dos EUA é a mais antiga ainda em uso no mundo

Conduta do homem público

O conceito de impeachment foi originado na Inglaterra e adotado por muitos governantes ainda no período colonial estadunidense. Para Alexander Hamilton – um dos pais fundadores dos Estados Unidos (são assim chamados os líderes políticos considerados responsáveis pela Independência dos EUA e que tiveram grande impacto na organização constitucional estadunidense) – o impeachment é um "método de investigação nacional sobre a conduta do homem público".

Assim, o processo pode ser considerado como um componente fundamental do sistema constitucional de checks and balances estadunidense. O art. 2 da Constituição dos Estados Unidos estabelece que "o presidente, vice-presidente e todos os oficiais civis dos Estados Unidos devem ser destituídos do cargo por impeachment em casos de condenação por traição, suborno e outros crimes e contravenções graves".

Além disso, a Constituição também determina que "será da Câmara dos Representantes o único poder de impeachment" e que "o Senado terá o único poder de julgar todos impeachments [mas] ninguém será condenado sem o acordo de dois terços dos membros presentes".

Em tese, qualquer deputado dos Estados Unidos pode pedir a abertura de um inquérito no caso de impeachment. Após a abertura do inquérito, ou seja, do pedido formal para que seja apurado se o presidente – ou outro oficial público – cometeu alguma ilegalidade, cabe à Câmara dos Representantes decidir se aprova ou não a acusação formal.

Análise de provas

Entretanto, antes da votação ocorrer nesta instância, historicamente é comum que seja organizada uma Comissão de Justiça da Câmara para analisar provas e argumentos do pedido de impeachment. Este passo não está expresso na Constituição, mas ocorreu nos casos de Nixon e Clinton.

Assim, após essas investigações, o processo final da Comissão de Justiça é escrito em uma série de artigos e encaminhado para votação na Câmara de Representantes.

Só então, cada um dos artigos do processo de impeachment é votado pelos representantes da Câmara. Nessa etapa, é necessário maioria simples para que o pedido seja considerado aprovado – assim, dos 435 membros, são necessários 218 votos favoráveis.

Trâmites legais

Se o pedido for aprovado na Câmara, o representante (neste caso, o presidente) é declarado "impedido". Isso significa simplesmente que ele está sendo processado. Diferentemente do que acontece no Brasil, o oficial não é afastado do cargo enquanto acontece o julgamento.

O próximo passo ocorre no Senado. Nesse momento, os senadores ganham o papel de jurados e um grupo de representantes da Câmara atuam como promotores. De tal forma, não ocorre apenas uma votação, mas um julgamento de caráter político e jurídico que pode se arrastar por meses.

Para que o representante seja destituído do cargo, é necessário que dois terços dos senadores votem a favor da condenação – ou seja, 67 dos 100 parlamentares.

Para o processo seguir adiante é necessário que seja aprovado na Câmara e no Senado.

A Casa dos Representantes é formada por 435 membros eleitos – cada um dos 50 estados estadunidenses possui um número diferente de representantes, pois este é em proporção ao número total de sua população. Já o Senado é constituído por 100 membros e cada estado é representado por dois senadores.

Em relação ao processo aberto em 2019, Trump foi absolvido pelo Senado dos Estados Unidos. Agora, em relação ao processo de impeachment aberto em 2021, é preciso lembrar que o mandato de Donald Trump encerra dia 20 de janeiro de 2021 (ou seja, o processo foi aberto poucos dias antes do fim do mandato do presidente), isso significa que a intenção do processo não é necessariamente retirar Trump do cargo, mas ele pode resultar em consequências políticas para o republicano. (Monalisa Ceolin/Portal Politize!)

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA – PRESENCIAL E ONLINE
1º LEILÃO: 04 de fevereiro de 2021, às 14h30min*
2º LEILÃO: 12 de fevereiro de 2021, às 14h30min*
(*horário de Brasília)

Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leloeira Oficial, JUCESP nº 836, escritório na Rua da Mooca, 3.547, Mooca, São Paulo/SP, FAZ SABER a todos quanto o presente EDITAL, virem ou dele conhecimento tiver, que levará a PÚBLICO LEILÃO de modo PRESENCIAL E ON-LINE, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, autorizada pelo Credor Fiduciário BANCO SANTANDER (BRASIL) S/A - CNPJ nº 00.400.888/0001-42, nos termos do instrumento particular com força de escritura pública de 03/06/2016, cujos Fiduciários são ALLYSANDRA DELMAS NUNES SAEGER, inscrito no CPF/MF sob nº 028.128.294-35 e seu marido MAX FREDERICO SAEGER GALVÃO FILHO, inscrito CPF/MF sob nº 917.145.834-49, em PRIMEIRO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 1.211.494,08 (Um Milhão Duzentos e Onze Mil Quatrocentos e Noventa e Quatro Reais e Oito Centavos - atualizado conforme disposições contratuais), o imóvel constituído por "Unidade autônoma nº 3001, com área privativa real principal de 147,2429m², outras áreas reais privativas de 3,2616m², área privativa real de 150,5045m², área de uso comum de 131,1765m², área real total de 281,6810m² e direito a 03 (três) vagas de garagem, do Edifício Residencial Spazio Di Verona, situado na Avenida Sapé, nº 901, Manaiara, João Pessoa/PB, melhor descrito na matrícula nº 104.543 do 6º Serviço Notarial e 2º Registral de João Pessoa/PB." Imóvel ocupado. Venda em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra.
Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o SEGUNDO LEILÃO (data/horário acima), com lance mínimo igual ou superior a R\$ 539.500,00 (Quinhentos e Trinta e Nove Mil e Quinhentos Reais).
O leilão presencial ocorrerá no escritório da Leloeira. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, encaminhar a documentação necessária para liberação do cadastro 24 horas do início do leilão.
Forma de pagamento e demais condições de venda, VEJA A INTEGRA DESTA EDITAL NO SITE: www.FrazaoLeiloes.com.br. Informações pelo tel. 11-3550-4086 (5677_06 Bc).



INSA lança plataforma digital sobre energias renováveis

Ferramenta trará subsídios aos gestores para formulação de políticas públicas, orientação adequada e iniciativas para a produção rural

Márcia Dementshuk
Assessora da SEC&T

O Instituto Nacional do Semiárido (INSA) irá lançar neste mês de janeiro a plataforma digital Renova Semiárido. O site dará uma visão geral do uso de soluções em energias renováveis e sustentáveis por agricultores, empreendedores, escolas e organizações da sociedade civil na região semiárida do Brasil. Apresenta projetos que propiciam convivência mais favorável com o bioma Caatinga e análises dos impactos de cada um: financeira, de viabilidade, de retorno do investimento, da geração de créditos de carbono, de melhoria da condição de vida da comunidade. É uma ferramenta que trará subsídios aos gestores para formulação de políticas públicas, aos investidores da economia verde e mostrará que qualquer pessoa, com orientação adequada, poderá replicar as iniciativas, principalmente para a produção rural.

O Renova Semiárido é fomentado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) da Organização das Nações Unidas (ONU). O desenvolvimento foi conduzido pelo INSA com o apoio do Parque Tecnológico da Paraíba (PaqTc) e da incubadora IACOC. E conta com a parceria de 19 instituições entre universidades, organizações não governamentais e governos de estados do Semiárido.

Falando sobre as motivações para fazer tal levantamento, a diretora do INSA, Mônica Tejo Cavalcanti, explicou que o FIDA aporta recursos no Semiárido brasileiro para realizar ações por meio de parcerias com governos, com a sociedade civil organizada e etc. Essas ações guardam dados por órgãos apoiados, mas não havia uma identificação territorial do impacto dessas ações - os custos de manutenção, os benefícios, a possível aplicação de créditos de carbono gerados a partir da aplicação daquela tecnologia específica.

"O FIDA encomendou uma sistematização das ações de Energias Renováveis que tinham aporte do FIDA no Semiárido brasileiro", ressaltou Mônica Tejo. "A ideia foi estruturar em uma plataforma digital todos os resultados além de incluir as iniciativas da educação contextualizada na Paraíba, destacando soluções aplicadas por professores e estudantes da Rede Estadual. Organizamos as iniciativas por tecnologias: energia eólica, fotovoltaica, bioágua, ecofogão e biodigestores - e pelos locais onde elas estão".

Com a sistematização dos resultados é possível identificar o custo da iniciativa versus o benefício que ela proporciona, a possibilidade de implantação em outros locais, a quantidade de carbono que deixou de ser gerada e poderá se transformar em créditos de carbono, uma commodity negociada em bolsas de valores ou com empresas atuantes na economia verde. Em um mapa do Semiárido é possível visualizar os lugares onde a tecnologia foi aplicada, além de testemunhos em vídeos com pessoas que se beneficiam dos equipamentos instalados nas propriedades rurais, nas escolas ou nos ambientes coletivos.

As energias renováveis

contribuem com a diminuição do lançamento de gases causadores do efeito estufa (GEE) na atmosfera sendo a alternativa para substituir energias provenientes de combustíveis fósseis como o petróleo. Um relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente citado na Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP 25/2019) aponta que a emissão de gases GEE precisa diminuir mais de 7% ao ano entre 2020 e 2030 para que o aumento na temperatura média global fique em 1,5°C comparado aos níveis pré-industriais. Essa meta foi acordada por 195 países no Acordo de Paris, assinado em 2016 - inclusive pelo Brasil.

O consumo de energia (transporte, eletricidade e geração de calor; edifícios, fabricação e construção) é a maior fonte de emissões de GEE causadas por seres humanos, responsável por 73% das emissões no mundo. E se a meta da ONU é zerar as emissões de carbono até 2050, as atividades econômicas no Semiárido brasileiro estão entre as quais devem confrontar o compromisso.



Foto: Divulgação

Renova Semiárido vai orientar agricultores, empreendedores, escolas e organizações da sociedade civil na região semiárida do Brasil

+ Redução das emissões de carbono

Os casos apresentados na plataforma Renova Semiárido mostram, por exemplo, o quanto de CO2 não é emitido com a instalação de placas fotovoltaicas em uma cooperativa de Picuí, na Paraíba.

O professor Josemir Moura contribuiu com a elaboração da proposta inicial do Renova Semiárido. O Laboratório de Tecnologias da Produção Vegetal na UEPB, coordenado por ele, conduziu a pesquisa nas fontes solar e eólica desde a origem da tecnologia até o nível de maturação atual - o quanto estão desenvolvidas - e a referência de pedidos de registros de patentes que demonstram a plena inovação em cima dessas tecnologias.

"Nós apresentamos uma análise das possíveis fontes de financiamento público e privado, que apontam uma alternativa para o produtor que planeja implantar uma dessas soluções".

Segundo o professor, "a redução nas emissões de CO2 com o uso de energia solar na cooperativa foi de 99,9%, considerando as emissões indiretas pela compra alternativa de energia elétrica, na abordagem da escolha de compra. Sem considerar o ciclo de vida da fabricação dos painéis fotovoltaicos".

No Semiárido, 8.461 famílias se beneficiam de 2.722 sistemas

de energia solar, considerando o universo de atuação do FIDA, em 24 municípios. São usados para alimentar o sistema de irrigação de lavouras, em cooperativas e outros empreendimentos. O impacto ambiental? Zero.

E o impacto social: "A energia solar é capaz de reduzir os custos de produção com potencial para aumento de auto investimentos em outras necessidades dos grupos produtivos com foco nas mulheres, jovens, quilombolas, indígenas, entre outros. Há um impacto positivo na capacidade de geração de renda a estes grupos prioritários, melhorando o bem-estar social na coletividade".

De acordo com a diretora do INSA, Mônica Tejo, na grande maioria das vezes, um investidor quer fazer uma ação voltada para essa atividade energética renovável mas não tem um estudo à sua disposição sobre as experiências que deram certo, quais os impactos;

"Se o objetivo é gerar crédito de carbono, o portfólio da plataforma vai indicar qual é a tecnologia mais viável, ou quanto investir para ter retorno sobre esses créditos. Pode até gerar renda para o produtor rural. Não acontece porque não existe uma divulgação do impacto usado por essas tecnologias."

Foto: Divulgação



Mônica Tejo Cavalcanti é diretora do INSA

Escola Contextualizada

O projeto Renova Semiárido investigou também os resultados de ações nas escolas da Rede de Ensino Estadual da Paraíba: até que ponto estão acontecendo projetos dessa natureza nas escolas.

Arystótenes da Silva Prata, gerente da 5ª Regional de Educação - Monteiro, foi o representante da Secretaria de Estado Educação, da Ciência e da Tecnologia. Ele participou no Programa Gira Mundo que proporcionou o intercâmbio de professores das escolas estaduais para diversos países. A experiência que o professor Ary trouxe foi de Israel, onde as condições ambientais são muito parecidas com as do Semiárido brasileiro. "Foi uma das vivências mais impactantes que passei".

Na realização do levantamento para o projeto do INSA/FIDA, ele voltou a se encontrar com alguns professores que estiveram em Israel e hoje desenham novos protótipos, melhorando o que foi aprendido naquele país. Um exemplo é um ecofogão feito pelo professor Paulo Sérgio da Cruz Costa, da EEEFM José Rolderick de Oliveira, Nova Floresta, ampliando a capacidade para até três bocas.

"As escolas da Rede Estadual de Ensino vêm protagonizando diferentes ações de estudo e pesquisa de Energias Renováveis, não somente com o foco de aprendizado, mas também, de execução de tecnologias sociais viáveis às comunidades do Semiárido paraibano. Ao longo da nossa pesquisa de campo, identificamos diferentes ações pedagó-

gicas em diferentes escolas (localidades) o que nos permite inferir uma existência ainda maior da presença diversificada e contínua de estudos pautados nas Energias Renováveis, nas escolas da nossa rede", disse o professor.

As mais impactantes estão no site. Mas inúmeras outras tecnologias construídas, inclusive, por professores que não foram para o Gira Mundo, foram observadas. "Essa parceria com o FIDA e o INSA abre os horizontes para os professores que querem trabalhar energias renováveis mas não têm conhecimento. A plataforma vai conectar as ações, integrar os professores e mostrará caminhos para novos trabalhos nessa direção", ressaltou Ary Prata.

Ele constatou que um projeto de dessalinizador utilizando energia de placa fotovoltaica, realizado na Escola Cidadã Integral Técnica Pedro Bezerra Filho, em Camalaú, despertou o interesse de outra escola em Junco do Seridó e da Prefeitura de Parari. Este é o Projeto Sertão Potável, idealizado e realizado pelo professor Ezequiel Sóstenes, após o seu retorno do Programa Gira Mundo Israel. O projeto visa contribuir com ações efetivas de impacto social na produção de água potável a ser consumida pelos estudantes da escola.

Com a implantação de 10 dessalinizadores solar na ECIT Pedro Bezerra Filho, obteve-se uma produção média de 300 litros de água/dia, onde cada dessalinizador produziu em média de 10,7 litros de água potável por dia. Este e outros exemplos são acessíveis pelo site renovasemiarido.insa.gov.br



PURPLE IGUANA INVESTMENTS

M&A | EQUITY PARTNERS

New Office - João Pessoa - PARAÍBA

Avenida João Celso da Silva, 221

ALTIPLAX José Olímpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B

Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005

Contatos: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



Foto: Arquivo de Gilson Souto Meior

Foto: Arquivo do Jornal A União



Foto: Arquivo da ANVFB



Edição do Jornal A União de 1944 (esq.); paraibanos da FEB, na Itália (centro); enfermeiras brasileiras no 16º Hospital de Evacuação, na Itália

Um filho teu não foge à luta

Paraíba contribuiu com 349 pracinhas na 2ª Guerra Mundial, e seis deles foram mortos em combate

Lucilene Meireles

lucilene@epc.pb.gov.br

Clóvis Roberto

clovisroberto@epc.pb.gov.br

Pracinhas, assim eram chamados os soldados brasileiros convocados e enviados para a Segunda Guerra Mundial. O termo está associado à expressão “sentar praça”, utilizada à época quando os jovens se alistavam nas Forças Armadas. Era uma forma de identificar os soldados com a hierarquia militar mais baixa. Às vésperas de completar 98 anos de idade, o segundo tenente paraibano Bráulio dos Santos Pinto é um dos poucos pracinhas ainda vivos. Ele esteve no conflito em que 465 brasileiros, dos quais seis paraibanos, perderam a vida e atuou, junto às tropas nacionais, na campanha dos Aliados contra os nazistas alemães na Itália, durante o rigoroso inverno europeu, entre 1944 e 1945.

Ex-combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), Bráulio compunha o time dos Aliados que, no dia 21 de fevereiro de 1945, venceu as tropas alemãs e tomou Monte Castello, um dos locais mais difíceis de serem conquistados e que, por isso, tornou-se emblemático. Ele participou do ataque vitorioso comandando uma bateria de morteiros, que

garantiu o apoio de fogo direto às tropas brasileiras, ajudando a eliminar vários pontos inimigos. Além de Monte Castello, locais como Montese, Porreta Terme, Fornovo entraram para a história do Brasil.

O maior conflito armado da história deixou muitas marcas nas famílias que perderam seus filhos, maridos. Dos mais de 300 paraibanos que lutaram, seis morreram em combate. Por outro lado, sobrou orgulho aos que sobreviveram para contar a história. Em 2020, quando a tomada de Monte Castello completou 75 anos, o ex-combatente participou da homenagem feita pelo Exército Brasileiro aos que participaram da FEB.

Os pracinhas eram soldados jovens e a Paraíba contribuiu com 349 combatentes. A maioria era de João Pessoa e Campina Grande, e alguns de Santo Antônio do Sabugi, no interior. A informação é do coronel da reserva do Exército Wellington Corlet dos Santos, presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, no Mato Grosso do Sul. Pracinha, segundo ele, era um apelido carinhoso.

Não foi um batalhão, uma organização militar formada da Paraíba. “Simplesmente, eles pegaram esse pessoal que teve condições de saúde e preparo para ir, e juntaram aos outros batalhões que já estavam formados para combater o nazismo. Na época, a Europa estava dominada pelos nazifas-

cistas, os nazistas de Adolf Hitler e os fascistas de Benito Mussolini”, explicou o coronel da reserva. “Era um regime totalitário, antidemocrático, anticomunista, anticapitalista, antiliberalista, ou seja, foi um momento em que um partido único tomou conta tanto da Itália quanto da Alemanha. Eram ditaduras ferrenhas. E o pior é que eram racistas”, relatou.

Ataques a navios brasileiros

Ainda de acordo com o coronel Wellington Corlet os nazistas começaram a conquistar a Europa inteira. “O Brasil entrou na guerra em 1942, porque eles passaram a afundar os nossos navios mercantes, desarmados, inclusive. Foram mais de 35 navios. Então, os corpos das pessoas apareciam boiando nas praias de Alagoas, Pernambuco. Até então, o Brasil vinha se mantendo neutro, mas quando começaram a atacar os nossos navios, o país foi forçado a entrar na guerra”, recordou.

Nossos pracinhas embarcaram em 2 de julho de 1944 e desembarcaram em 16 de julho, ficando no combate até o dia 8 de maio de 1945. “É o Dia da Vitória, o dia em que a Alemanha e a Itália se renderam, incondicionalmente. Foi o dia em que a guerra acabou na Europa”, afirmou Corlet.

BRASIL SOB O MANTO DA DITADURA VARGAS

Os pracinhas são heróis que estão esquecidos, segundo observou o coronel da reserva do Exército Wellington Corlet dos Santos, presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, no Mato Grosso do Sul. “O fim da guerra acabou gerando uma crise no Brasil, porque eles foram combater ao lado dos aliados, que eram os capitalistas, liberais, democráticos, americanos, ingleses, franceses contra regimes totalitários, o nazismo e o fascismo. E no Brasil existia um regime totalitário, que era o de Getúlio Vargas. No final de 1945, Getúlio acabou caindo”, observou. Houve eleição e Eurico Gaspar Dutra ganhou, ficando até 1950, quando Getúlio retornou ao poder.

“A importância está aí. A Força Expedicionária Brasileira, com a qual os paraibanos contribuíram, inclusive muitos homens da Polícia Militar da Paraíba (PMPB) também participaram”, destacou. Delmiro Pereira de Andrade, que foi comandante de um dos batalhões da FEB, o 11º RI, e comandante geral da Polícia Militar da Paraíba. Tem o Edson Amâncio Ramalho, que foi capitão do Regimento Sampaio, que conquistou Monte Castello e também foi comandante geral da PMPB.

A maioria deles, segundo Corlet, já morreu. “Na Paraíba, só está vivo o Bráulio dos Santos Pinto, que recebeu a Medalha de Campanha, a Medalha de Guerra e a Medalha Cruz de Combate 2ª Classe, por ato de bravura. A Paraíba tem muita coisa com a Segunda Guerra Mundial e a importância disso foi vencer o nazismo, a ditadura, o regime totalitário, o racismo, e a vitória foi uma vitória da paz contra a guerra. Isso é o que importa”, comentou.

PARAIBANOS MORTOS EM BATALHA E AGRACIADOS COM CONDECORAÇÕES

- 3º sargento Edésio Afonso de Carvalho – morto em 24 de fevereiro de 1945, em Abeteia.
- Cabo João Monteiro da Rocha – Morto em 14 de abril de 1945, em Montese.
- Soldado Adalberto Cândido de Melo – Morto em 28 de março de 1945, no Monte Belvedere.
- Soldado Antônio Farias – Morto em 15 de abril de 1945, em Montese.
- Soldado Luiz Tenório Leão – Morto em 27 de abril de 1945, em Omaniano.
- Soldado Waldemar Rosendo de Medeiros – Morto em 18 de abril de 1945, em Montese.

Fonte: Coronel da Reserva do Exército Wellington Corlet dos Santos, presidente da Associação Nacional dos Veteranos da FEB, no Mato Grosso do Sul.

Heróis sobreviventes e memória de guerra

Além de Bráulio dos Santos Pinto, outros paraibanos foram heróis na Segunda Guerra Mundial, entre eles, Genival Máximo de Oliveira, falecido apenas em 2019. Ele foi um dos sobreviventes da tomada de Monte Castello, no Norte da Itália, no fim de 1944 e chegou a ser ferido em combate com estilhaços de granada.

Pela idade avançada, Bráulio dos Santos Pinto não concede mais entrevista, mas em sua última conversa com a equipe de comunicação do 1º Grupamento de Engenharia, em João Pessoa, o pracinha fez um relato de sua trajetória durante a Segunda Guerra Mundial. Ele contou detalhes desde o ingresso no Exército, o período de treinamento, o embarque rumo à batalha, a guerra na Itália até o retorno para o Brasil.

Em 1941, a Europa, parte da África e do Oriente Médio já viviam o conflito. No litoral nordestino, submarinos alemães e italianos afundavam os navios brasileiros, causando dezenas de mortes. Na época, Bráulio dos Santos Pinto, que nasceu no município de Bananeiras, no Brejo paraibano, em 25 de março de 1923, tinha 18 anos, e até hoje guarda na memória as lembranças do campo de batalha.

“No advento da Segunda Guerra Mundial, o Brasil sofreu várias perdas de navios de carga e de passageiros. Eu como gostava muito de história me dediquei a saber o que ocorria



Foto: Arquivo de Família

no Brasil. Apesar das dificuldades de comunicação, aquilo me deu um entusiasmo para me apresentar ao Exército Brasileiro como soldado para lutar”, relatou. Bráulio ingressou no 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, fez curso em Recife (PE) e, quando foi iniciada a seleção para ir ao Rio de Janeiro, se apresentou como voluntário.

Ele embarcou no navio de transportes de tropa americano USS General W. A. Mann com destino ao porto de Livorno, na Itália, integrando o Regimento Sampaio, que compunha

o primeiro escalão da FEB. O navio saiu do Porto do Rio de Janeiro para uma viagem de 15 dias, com 5,8 mil homens, sob a ameaça dos ataques de submarinos alemães. “Nosso navio foi comboiado pelos navios da esquadra brasileira e americana, mesmo assim foram várias tentativas de infiltração de submarinos alemães”, contou.

Já no destino, o uniforme brasileiro chegou a ser confundido por civis italianos e militares americanos com o de prisioneiros alemães. “O nosso uniforme confundia muito

Bráulio dos Santos Pinto recebeu três medalhas (de Campanha; de Guerra; e da Cruz de Combate 2ª Classe), por ato de bravura; ele está entre os últimos pracinhas paraibanos ainda vivos e fará 98 anos de idade em março de 2021

com o uniforme do alemão. Depois recebemos uniformes americanos”, contou o ex-combatente. “A guerra foi de 1939 a 1945 e envolveu o Brasil como um todo. Na época, era o Estado Novo, de Getúlio Vargas, a ditadura, e uma das missões do país foi mandar a FEB para a Itália. Ela foi composta de 25.334 homens e mulheres. Havia 69 mulheres que atuavam como enfermeiras”, acrescentou o coronel do Exército Wellington Corlet.

Cenário de tristeza

O ex-combatente quase centenário Bráulio dos Santos Pinto, em depoimento à equipe do 1º Grupamento de Engenharia de João Pessoa, também não esquece as tristes memórias da guerra. “O que causava tristeza era, após o combate, encontrar muitos soldados mortos, muitos americanos mortos, carregados pelos pelotões de sepultamento. Isso causava muita tristeza”, recordou.

Durante a guerra, os heróis brasileiros mortos em combate, incluindo os paraibanos, foram sepultados no Cemitério de Campanha de Pistóia, na Itália, segundo o coronel do Exército Wellington Corlet. Em 1960, por iniciativa do Marechal Mascarenhas de Moraes, os seus restos mortais foram trasladados, com grandes homenagens de uma Pátria enlutada e agradecida, para o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial (MNMSGM), no Rio de Janeiro.

Rosil Cavalcanti

Apresentador e compositor de vários ritmos

Hilton Gouvêa
 hiltongouveaurojo@gmail.com

Rosil de Assis Cavalcanti nasceu em Macaparana (PE) em 20 de dezembro de 1915. E morreu em Campina Grande, aos 52 anos, em 10 de julho de 1968. Foi casado com Dona Maria das Neves Coura Cavalcanti. Não tiveram filhos. Seu pai, Francisco Cavalcanti – o tenente Chiquinho – possuía três engenhos. A mãe se chamava Dulce Cavalcanti. Rosil viveu muitos anos, no Largo da Luz, 82, na cidade que o adotou. Animador de programas de auditório, usava o nome de Zé Lagoa, que levou plateias aos salões da Rádio Borborema. Atuou na Rádio Tabajara (João Pessoa), em 1941. Ali, criou a dupla Café Com Leite, formada por ele e Jackson do Pandeiro.

No livro 'Rádio – História e Rádio Jornalismo', Gilson Souto Maior registra: "Rosil atuou nas Rádios Cariri e Caturité. Na Cariri, comandou programas pouco conhecidos dos pesquisadores". Gilson trabalhou com Rosil nas emissoras por onde ele passou. Rosil ainda viveu os primeiros anos da TV Borborema, onde comandou um programa que teve muita audiência no rádio, 'O Forró de Zé Lagoa'.

Gilson explica na obra que, nos anos de 1960, além de sua atuação no cast da Rádio Borborema, ele animou, na Rádio Cariri, um programa conhecido, que começava ao meio-dia, intitulado 'Radar'. "Era um personagem engraçado e antenado com os problemas de Campina; e que não poupava distância para descobrir segredos públicos ocultados dos ouvintes. O repórter Radar identificava o início deste programa, com uma sonora gargalhada: 'ra, ra, ra!'. E largava: no ar, o Radar!"

Brilhou como radioator na 'Escolinha do Professor Nicolau', que ia ao ar na Rádio Borborema, onde representava ao lado de nomes expressivos como Eraldo César (produtor), Enildo Siqueira, Dinaldo Barreto, Hilton Motta, Fernando Silveira, Benjamim Blay, Elisa César, Silvinha de Alencar, entre outros artistas. Suas participações no radioteatro marcaram as novelas produzidas por ídolos desta área, a exemplo de Fernando Silveira, Deodato Borges e Enildo Siqueira.

Sua polivalência profissional levou-o a ser jogador de futebol, em 1936, quando Rosil foi morar em Aracaju (SE). Depois, sagrou-se tricampeão estadual pelo Cotinguiba Sport Club. Após se desligar do 22º Batalhão de Caçadores, foi trabalhar no Fomento Agrícola de Sergipe. Rosil Cavalcanti, até hoje é motivo de pesquisa realizada por escritores profissionais de relevância. Sobre ele são encontrados registros de reputada lisura, a exemplo de 'Para Dança e Xaxar na Paraíba: Andanças de Rosil Cavalcanti' escrito por Rômulo Nóbrega e José Batista Alves, com prefácio de Agnelo Amorim. É o reconhecimento a esse ídolo nome da cultura regional.



Foto: Arquivo de Gilson Souto Maior

Rosil Cavalcanti (foto) atuou nas rádios Cariri, Caturité e Tabajara; ele viveu ainda os primeiros anos da TV Borborema, onde comandou o programa 'O Forró de Zé Lagoa'

VIDA E OBRA RELATADA EM LIVRO

■ O acervo de Rosil está em poder do escritor Rômulo Nóbrega, segundo informou a bibliotecária Ana Coura Tatrai, 60 anos, sobrinha de Maria das Neves Coura Cavalcanti, mulher de Rosil. "Ele era bem vistoso e gostava de festas, principalmente, no Clube dos Caçadores, do qual era sócio. Andava acompanhado da esposa e de minhas primas. Era um homem bem casado e não tinha relações extra-conjugais," afirma Ana, que é filha do húngaro Janos Tatrai, ex-técnico do Campinense Clube e do Treze de Campina Grande, e que fez tricampeão o Sport Club do Recife, na década de 1970. "Quando Rosil morreu, eu tinha apenas oito anos e eu não lembro muita coisa. O que representou a vida dele está no livro de Rômulo Nóbrega e José Batista Alves, já divulgado em diversos blogs e jornais. Ele era muito carinhoso comigo, a ponto de ter em sua casa, junto com tia Nevinha, um quarto cheio de brinquedos comprados para mim," reforçou Ana.

Autor de 130 músicas regionais com sucesso no país

O Blog 'Retalhos Históricos de Campina Grande' destaca a vida desse pernambucano-campinense, que chegou a João Pessoa em 1941, indo trabalhar na Secretaria de Agricultura da Paraíba como classificador de algodão. Em 1943, Rosil Cavalcanti se mudou para Campina Grande, que concentrava todas as exportações deste produto para Liverpool (Inglaterra), na época o maior fabricante de tecidos de algodão do mundo. Nas horas vagas, Rosil gostava de caçar. Ele se sentiu mal justamente durante uma caçada. Morreu ao chegar em casa, de ataque cardíaco, nos braços de dona Nevinha, sua esposa.

Rosil compôs 130 músicas, sendo autor em todos os ritmos da música regional nordestina, como o baião, xote, xaxado e coco, em parceria com intérpretes famosos, entre os quais Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. Uma composição feita por ele e o poeta-tribuno Raimundo Asfora, 'Trapeiros da Borborema', ficou conhecida como o Hino Extraoficial de

Campina Grande.

As músicas de Rosil também foram gravadas por Marinês, Jacinto Silva, Gilvan Chaves, Pedro Sertanejo, Genival Lacerda, Dilú Melo, Ademilde Fonseca e Genival Lacerda. Muitas dessas composições fizeram sucesso nas emissoras de rádio e televisão do Brasil.

Entre as composições e os respectivos parceiros se destacam: 'A festa do milho' (Luiz Gonzaga, 1963); 'Amigo velho' (Luiz Gonzaga, 1963); 'Aquarela nordestina' (Marinês, 1958); 'Cabo Tenório' (Jackson do Pandeiro, 1954); 'Coco do Norte' (Jackson do Pandeiro, 1955); 'Coco social' (Jackson do Pandeiro, 1954); 'Coisas do Norte' (Marinês, 1963); 'Cumpadre João' (Jackson do Pandeiro, 1958); 'Faz força, Zé' (Luiz Gonzaga, 1963); 'Forró do Zé Lagoa' (Genival Lacerda, 1962); 'Forró na gafeira' (Jackson do Pandeiro, 1959); 'Meu Cariri' (Dilú Melo e Ademilde Fonseca, 1951); 'Moxotó' (José Gomes e Jackson do Pandeiro, 1958); 'Na base da Chinela' (Jackson do Pandeiro, 1962).



Foto: Arquivo de Gilson Souto Maior

Rosil Cavalcanti (dir.) atuou na Rádio Tabajara, em 1941, quando criou a dupla Café Com Leite, formada por ele e Jackson do Pandeiro (esq.)

Sucesso no Brasil e exterior

Não apenas nacional, mas internacionalmente, o nome de Rosil Cavalcanti foi e continua como um real destaque. A composição 'Sebastiana',

por exemplo, foi sucesso absoluto no Brasil, sendo gravada, inicialmente, por Jackson do Pandeiro. A cantora Gal Costa também fez estrondoso sucesso com essa composição. Entre as coincidências na

vida de Rosil Cavalcanti e seu mais importante parceiro musical, Jackson do Pandeiro, é que ambos foram casados sem ter filhos e também morreram no mesmo dia e mês, 10 de julho.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Cinco atributos do jornalista de esportes

Há alguns anos, quando era editora-executiva do *Jornal da Paraíba*, fui convidada pela jornalista e professora Renata Escarião a falar sobre jornalismo especializado para uma turma de estudantes de uma faculdade particular de João Pessoa. Na época, solicitei a editores setoriais e repórteres especializados do JP que me apontassem o que eles consideravam essencial para um aspirante a repórter nas áreas de Esportes, Política, Cultura, Cidades e Economia. Organizando meus arquivos, encontrei o registro dos pontos elencados por meus colegas de batente e vou dividi-los com você, a partir desta edição.

Com o grande Expedito Madruga, jornalista que muito admirei e que integra a Rede Paraíba de Comunicação, descobri os cinco atributos do jornalista de esportes que ele considera indispensáveis: 1. Gostar e entender de esportes – Esse é o principal ponto, defende Madruga. Não adianta só escrever bem, ter o domínio do

português e do jornalismo. O esporte exige mais. A editoria possui nomenclaturas próprias, termos que são utilizados no dia a dia. Por exemplo: "Fulano credita vitória a...; Tal time corre atrás de três pontos...; Fulano de Tal volta a treinar com bola...; Técnico em dúvida entre o 4-4-2 e o 3-5-2". Lembrando que o esporte não se resume ao futebol. Há também outros mais populares, como futsal, basquete, vôlei, handebol, vôlei de praia. Por mais que pareça fácil, são coisas que você só pega gostando e lendo (muito) as publicações do esporte;

2. Ler muitos jornais, estar sempre bem informado – Fazer uma matéria de esporte não significa só ir a um treino, a um jogo. É preciso saber mais. É preciso ter conhecimento do passado do técnico, do jogador, do dirigente. É saber por onde ele já passou e se ele deu certo em outros times. Enfim, é ter uma visão crítica daquilo que está escrevendo. E isso só se adquire com uma bibliografia própria.



Imagem: Reprodução do Instagram

Por isso é sempre bom ter como leitura habitual, pelo menos, os veículos locais e outros três de fora do Estado, além de revistas e sites especializados;

3. Estar disponível em horários alternativos – Trabalhar com esporte não é trabalhar em banco, como diria o técnico Luiz Felipe Scolari. Guardadas as ironias, não podemos nos prender a expedientes bancários. Isso vale para o jornalismo e muito mais para o esporte. Há rodadas à noite, em fins de semana, feriados. Temos corridas no domingo de manhã e Copas do Mundo com três jogos por dia durante 30 dias. Enfim é se abster

cedor é assim mesmo! E os mesmos que o criticam por causa de uma matéria podem ser os mesmos a elogiarem você se a matéria agrada. Na verdade, você tem que saber separar as coisas – nem se abalar com as críticas, nem supervalorizar os elogios;

5. Ter boas fontes, ter menos amigos – Este é o último tópico apontado por Expedito Madruga. Para ele, quem atua nessa área comete um erro comum: achar que técnico, dirigente ou jogador é seu melhor amigo. Ele é amigo do "jornalista", do "editor", do "repórter". É uma amizade com interesse. Da mesma forma que somos vetores daquilo que querem ver na mídia, eles são apenas fontes. É claro que uma fonte satisfeita pode render mais. Mas é só uma fonte... Então nada de fazer o que eles querem. Nada de aceitar presentinhos (os famosos "tocos"). Nada de colocar os interesses deles no lugar do bom jornalismo. É claro que podemos ter amigos no esporte. É algo normal e comum convivendo tanto tempo juntos. Mas lembre: amigos são aqueles que partilham algo; que você leva para casa; que se torna parte da família. O resto é fonte.

Tocando em frente Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Trilhas sonoras – Parte 1

Em um filme, tão importante quanto o aspecto visual, originalmente conhecido como *écran*, é a sua "banda sonora", conhecida como trilha sonora (*soundtrack*). Tanto é que, em inúmeros casos, a lembrança da música que "enfeita" ou complementa o enredo do que se passa na tela, gruda no ouvido, fazendo-nos, muitas vezes, a desvincular uma coisa da outra.

Um ligeiro passeio pelos anos 20 do século/milênio passado conduz-nos aos irmãos Lumière – Auguste Marie Louis Nicholas Lumière (1862-1954) e Louis Jean Lumière (1864-1948) – que assumiram os estudos/trabalhos dos ancestrais deles – avô e pai que já vinham se envolvendo com uma tal de "lanterna mágica", que deu origem, primeiramente, ao que os irmãos chamaram de "lucifone" (1903). Desde aí, já buscavam unir imagem e som, chegando a incorporar "barulhos sonoros" (risos, por exemplo) às imagens vistas na tela de projeção. Porém, depois de certas experiências, somente chegaram ao "filme falado" em 1927, como veremos adiante.

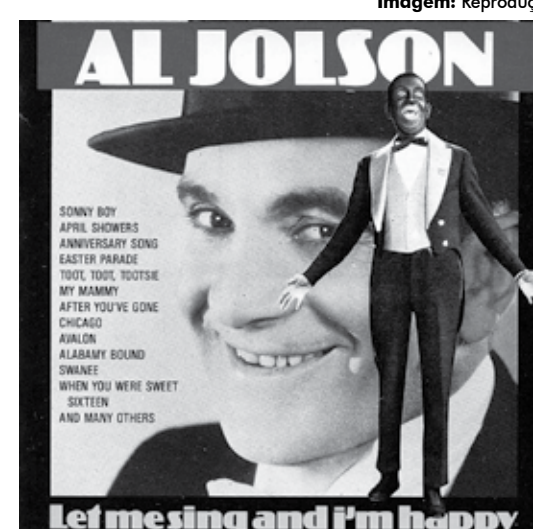


Imagem: Reprodução

Como é sabido pelos aficionados em cinema, os cinéfilos de hoje, a chamada 7a. Arte, como a temos hoje, teve o seu *début*, com a primeira exibição cinematográfica ocorrida em 28 de dezembro de 1895, na cidade de Lyon, na França. Ali, se exibiu, no *Cine Eden*, um filme/registro de Cunho documental *Arrivé d'un train em gare à la Ciotat*/Chegada de um trem à cidade de Ciotat, película com menos de um minuto de duração. Estava, oficialmente, criado o que os franceses chamaram de *cinématographe*.

No princípio, eram somente imagens, depois veio o som incorporado às películas. Dessa primeira fase – o chamado período do "cinema mudo" – três nomes não são familiares: Buster Keaton e Douglas Fairbanks (USA) e Charles Chaplin que, embora britânico, se consagrou para o mundo quando emigrou para os Estados Unidos. Mas, aí, já será outra história.

Por enquanto, registre-se, como introdução, a época em que as projeções contavam com uma espécie de "música ao vivo". Explico-me melhor: as exhibições de filmes mudos contavam, quase sempre, com um pianista ou até com um conjunto de músicos, ao vivo, que selecionavam um repertório condizente com a atmosfera do que a tela mostrava, buscando transmitir aos espectadores as emoções exibidas.

Daí para a sonorização das películas era uma questão de tempo e de evolução de tecnologias. Surgem, então, as incipientes *trilhas sonoras* que, em princípio, eram trabalhadas a partir de conceituações ditadas pelos próprios cineastas, que buscavam transmitir ao público espectador emoções mais intensas, conforme se tratasse de filmes de ação, de suspense ou de ações dramáticas,

por exemplo. A grande novidade sonora somente veio a aparecer quando se conseguiu sincronizar os diálogos com a expressão dos personagens, já na década de 20. O grande salto ocorre em 1927, com o lançamento do filme *The Jazz Singer*/O Cantor de Jazz), que apresentou ao mundo a figura ímpar de Al Jolson, de ascendência judaica, misto de ator e cantor "americano", nome artístico de Asa Yoelson (Lituânia/1886-San Francisco/1950). Aliás, a título de informação, dois fatos merecem destaque: 1º) o filme foi um dos primeiros a receber o ambicionado *Oscar*, que foi dividido com o imortal Charles Chaplin, por seu filme *The Circus*/O Circo (1928); 2º) do filme *The Jazz Singer*, foi produzido um *remake* (1980), com o cantor pop Neil Diamond, no papel central, antes interpretado por Al Jolson. O próximo passo foi a "criação" das *trilhas sonoras*, as *soundtracks*, que abriu o mercado cinematográfico para conhecidos compositores que eram/são contratados para a composição de temas musicais que sejam condizentes com a ambientação e o enredo de cada filme. Surgem, então, as trilhas sonoras como as conhecemos hoje.



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @waltinhoullysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

Aonde vamos?

Barra de Camaratuba pertence ao município de Mataraca, aqui na Paraíba, localizado a menos de 120 km da capital de João Pessoa. É um local muito tranquilo e pacato.

Esta semana estivemos de volta a praia de Barra de Camaratuba e ficamos na hospedaria Aldeia de Camaratuba, onde fomos recepcionados pelo proprietário Romero Filho, que também é guia de turismo local.

A hospedaria é bastante charmosa de frente ao mar e passa uma paz que só dá para imaginar se for lá conferir. No local não há frescura. São dois quartos e um banheiro coletivo, como sua cozinha também coletiva, que tem todos os materiais necessários para você fazer suas comidas simples e sofisticadas.

Vou dar um conselho bem legal. Ao fechar sua reserva é bom já providenciar seus passeios com o guia de turismo Romero e proprietário da hospedaria. Ele também dá aula de surf. E entre as dicas que quero passar são os passeios pela Reserva do Manjeriçã e pelo mangue, na trilha do Caranguejo Uçá, que é uma delícia e bem relaxante. Inclusive, aproveitamos para levar nosso filho Lucca, que vai completar apenas três anos. Ele amou.

Na Barra de Camaratuba, você encontra mercadinhos que vendem vários tipos de alimentos e por isso não irá passar fome; pizzaria, na praça central, que é uma delícia;



Foto: Divulgação

além de açaí e lanches naturais.

Na frente da hospedaria, tem um restaurante novo e muito bom, com uma piscina deliciosa, que funciona durante o dia. Se você não quiser fazer café da manhã, pode agenda-lo nesses locais. E na Barra, onde há o encontro do rio com o mar, você vai encontrar pratos executivos a partir de R\$ 20.

A viagem foi maravilhosa, pois sempre tivemos o apoio de Romero, informando e acompanhando os passeios que fizemos. Valeu muito a pena tudo, e esperamos voltar logo em breve!

Obrigado a hospedaria Aldeia de Camaratuba, pelo carinho por todos esses dias, e ao proprietário Romero, por toda gentileza.



PRATO DO DIA

Filé ao Molho de Açaí

Ingredientes para o filé:

■ 5 Tonedorea de filé bovino ou uma carne macia de sua preferência.

■ 1 litro de caldo de legumes

(Cenoura, cabila, alho poro, chuchu...)

■ 1,5 litro de molho base

(apara de carnes a qual limpou, cebola,

cenoura, alho, pimentão, uma garrafa

de cerveja amarela de 350ml e a mesma

de água e deixe cozinhar. Passar em uma

peneira e usar só o caldo, acrescentando

duas colheres de sopa de amido para en-

grossar o molho, por fim acrescente 300g

de açaí)

Ingredientes para o Risoto:

■ 300g de arroz de risoto

■ 100g de queijo parmesão faixa azul



Foto: Divulgação

Modo de preparo:

■ Cozinhar o risoto refogado com cebola e alho bem picado. Quando estiver no ponto, acrescente o parmesão ralado e duas colheres de manteiga. E sirva acompanhado com o filé com o molho de açaí.

QVENTINHAS

- Estivemos no fim de semana passado no Camaratuba Hotel Fazenda, que fica a apenas 70km de João Pessoa. Um local para desfrutar da natureza e seus filhos terem contatos com vários tipos de animais que só uma fazenda pode proporcionar. Seu contato no WhatsApp é o 98892-0696, e seu Instagram é @camaratubahotel

- Para quem quer fazer um bate e volta na Praia de Barra de Camaratuba, e quer fazer passeios diferentes, ou até ficar hospedado lá, entra em contato pelo WhatsApp 99591-0429, ou também pelo direct do Instagram, no @aldeia-decamaratuba

- Se você ficou curioso e quer saber mais sobre Barra de Camaratuba e ver as fotos maravilhosas, é só dar uma entrada neste Instagram: @barradecamaratuba

- Se você está querendo um Chef de Cozinha para fazer um almoço ou um jantar na sua casa ou num evento, independente do número de pessoas, pode entrar em contato com este colunista por meio do direct do meu Instagram @waltinhoullysses

PITADAS A GOSTO

Açaí é o fruto do açaizeiro (Euterpe oleracea). Também chamado de juçara, o mesmo é uma das mais importantes fontes de alimentação para os habitantes da região Amazônica, terra de origem do açaí. A fruta também é encontrada em outros países próximos do Brasil, como Venezuela, Colômbia, Equador e Guianas. O açaizeiro é uma árvore que pode chegar a atingir até 30 metros de altura e que prefere áreas úmidas, fato que faz com que a mesma cresça nas margens dos rios. O açaí é uma pequena fruta arredondada, de coloração escura, variando entre o roxo e o preto, que possui um pequeno caroço e pouca polpa. O fruto é encontrado em cachos; cada tronco do açaizeiro produz até quatro cachos da fruta. E hoje é conhecido mundialmente!